



Edições

Chegamos à edição nº 150. Quem diria? Num País onde pouco se valoriza a memória, é algo meritório e para todos nós motivo de júbilo.

Barreiras rompidas, paradigmas quebrados, experiências compartilhadas, sensação de dever cumprido. Objetivos alcançados de se registrar e realçar a memória local-regional, disseminar informações e reflexões, de realçar a valiosa história de nosso meio, geralmente desconhecida e desvalorizada e às vezes aviltada. Não nos conformamos com prédios históricos lançados ao chão, o descompromisso para com a arborização e revitalização de nossas cidades. A insensibilidade de muitos empresários e administradores públicos – e ainda do cidadão comum - para com a preservação da memória local, que foram alguns dos muitos e variados temas do boletim.

Nunca há recursos para a criação de oficinas lúdicas artesanais, recreativas, a criação do arquivo público municipal ou de instituição congênere, projetos de urbanização e revitalização urbana, de preservação de nossos mananciais e reservas nativas. Contextos que sempre apontamos em nossas páginas.

Não se pode compactar com a omissão e egoísmo individual ou de grupos, que se enriquecem à custa dos valores e da riqueza coletiva. E pouco ou nada retribuem à sociedade.

Essencial que as comunidades – com o apoio do Poder Público – incrementem e desenvolvam políticas de valorização da cultura, história, tradições e memória local.

Isso fortalece a autoestima coletiva e geram ganhos para todos, não só culturais mas principalmente econômicos.

Munir a comunidade de conhecimentos, valorização de suas raízes, suas manifestações, seus produtos. Experiências, potencialidades, viabilidades a partir de seus próprios recursos.

Temos que resgatar e amplificar nossos valores, ideais sociais, humanos e culturais elevados, uma perspectiva mutualista de assunção e incorporação de nossa identidade, de nova cultura.

Bem Que falemos de flores. Nossos agradecimentos a todos quantos nos apoiaram e contribuíram para que o “Sabores e Saberes” chegasse a sua 150ª edição, cumprindo o papel de levar informações e inclusão aos nossos distintos leitores e amigos.

Aos colaboradores da redação e impressão, aos pesquisadores, articulistas, historiadores, distribuidores, apoiadores, patrocinadores, realizadores, às nossa centenas e centenas de leitores, nosso muito obrigado!

Orgulhamo-nos de nosso modestíssimo boletim agradecer a tantas pessoas. Quase uma unanimidade. Sempre ao longo do mês, alguém pergunta sobre os assuntos do próximo número, elogiam, se surpreendem ... Quantos jovens estudantes e mesmo pesquisadores se servem para seus trabalhos acadêmicos, o que muito nos enobrece.

Gratidão a Deus e a todos!

ADIVINHAS

QUARTA VOGAL, É FRUTA, POEMA DRAMÁTICO

NA COZINHA, PEDRA DE AFIAZ, SÃO CÂNTICOS

NOTA MUSICAL, CIRIO, É HABITAÇÃO POPULAR

A PRIMEIRA LETRA, É QUASE IGUAL, É SANTA MILAGROSA

RESPOSTAS: 1-OPERA; 2-SALMOS; 3-FAVELA; 4-APARECIDA

Provérbios e Adágios

- Nhambu na capanga (causa ganha)
- O direito é torto
- Cavalo amarrado também pasta
- Quem nasce para vintém, nunca chega a tostão
- As abelhas e as vespas sugam as mesmas flores, mas não sabem encontrar nelas o mesmo mel (provérbio chinês)
- Abelhas, vespas e moscas pousam na mesma flor; mas só a abelha suga o mel e constrói o favo
- Papagaio velho não pega língua.

Para refletir

- A tradição é uma força, uma luz, um ensinamento. Ela é o depósito das faculdades mais profundas de um povo. Ela assegura a solidariedade intelectual entre as gerações através dos tempos. Ela distingue a civilização da barbárie
(Charles Richet, 1850/1935, médico e fisiologista francês, Prêmio Nobel de Medicina de 1913)
- Cada grande artista recunha a arte à sua imagem
(Victor Hugo)
- Faça todo o bem que puder; com todos os recursos que você puder; em todos os lugares que você puder; em todos os tempos que você puder; para todas as pessoas que você puder; sempre e quando você puder
(John Wesley, teólogo inglês – 1703-1791)

EXPEDIENTE

QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, voluntária, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e todas as pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Paulo Melo.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Colaboração: Marcus Antônio Santiago; Instituto hist.

Geográfico de São Tiago.

Apoio: Davy Antonio Silva Reis

E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

COMO FALAR CONOSCO:

BANCO DE DADOS CULTURAIS/INSTITUTO SÃO TIAGO APÓSTOLO

Rua São José, nº 461/A - Centro

São Tiago/MG - CEP: 36.350-000

Celular: (32) 9 9912-2254 (hor. comerc.) Tel.: (32) 3376-1286

Falar com Davy Antonio Silva Reis

Realização:



Patrocínio:



Apoio Cultural:

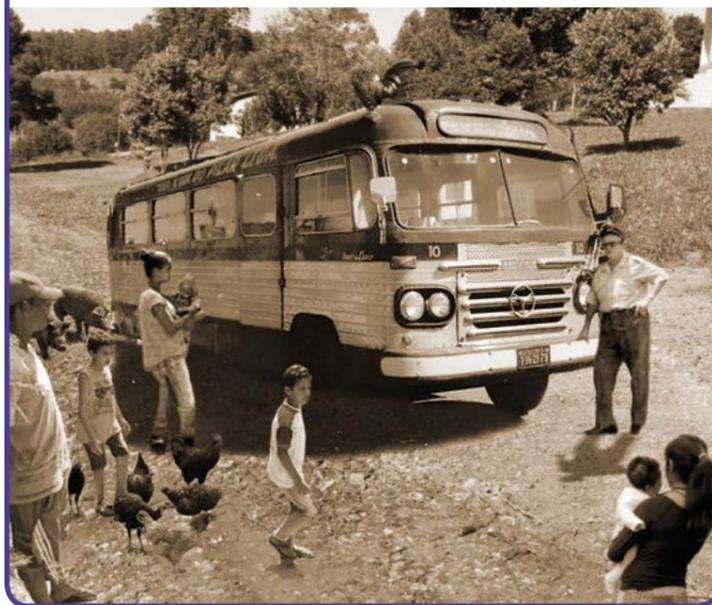


AO PÉ DA FOGUEIRA O SAMBURÁ

A Prefeitura, por aqueles badalados tempos da gestão do sr. Guido Reis, mantinha em Mercês de Água Limpa, um ônibus escolar que prestava inestimáveis serviços no transporte das crianças das povoações vizinhas – Capão das Flores para a sede do distrito. De quebra, vinham carneiros, familiares, sacas de mantimentos, cestos empanturrados de ovos, verduras. – Isso parece um samburá, diziam alguns, ao ver o vetusto ônibus transportando tanta coisa.

Fia, o zeloso motorista, encerrado o expediente à tarde, crianças já entregues os seus lares na zona rural, à guisa de garagem, deixava o volumoso veículo sob a sombra de uma árvore, em frente à sua casa. Ali o ônibus pernoitava, ao som das cigarras e de algum morador notívago. Certa época, encerrado o ano letivo, o veículo também passara a usufruir merecidas férias (ou seria um castigo daqueles?!). Dezembro, janeiro, inícios de fevereiro, levando lambadas de sol e chuva, nosso amigo ali inerte, irrequieto, ensimesmado (ou seria atabalhoado?). Até que enfim, semana de recomeço das aulas. Fia resolve, enfim, preparar o companheiro e amigo – ali ancorado há tempos – para mais uma nova jornada anual. Prepara-se o velho ritual: toma as chaves, abre a enferrujada porta, confere o interior do veículo dando uma ligeira espanada, testa peças, afinal mais de dois meses parado, na boa...Chave na ignição, dá a partida. Após algumas rateadas e ricocheteios, consegue ligar. Uma verdadeira explosão sacode o veículo, assustando motorista e vizinhos. Do cano de descarga, fumaça enegrecida saem pássaros assustados, filhotes que caem ao chão, restos de ninho, um fuzuê de todo tamanho.

O vizinho, ao lado, que fora atraído pela inusitada cena, informa: O samburá não quis ficar à toa, esse tempo todo, não. Virou chocadeira...



A LENDÁRIA FAZENDA DAS LARANJEIRAS

A sede da antiga Fazenda das Laranjeiras teve importante destaque na região, sobretudo, para os aplicados do Curato de São Tiago, município de Bom Sucesso, termo da Vila de São José (atual Tiradentes). Um dos seus principais proprietários foi o português Sr. Manoel Marques de Carvalho, "natural da freguesia de Ruivães, Vila de Famalição, termo de Barcelos, Arcebispado de Braga". (Boletim Sabores e Saberes, Outubro/2017). Manoel Marques de Carvalho estabeleceu-se em São Tiago por volta de 1753. Casou em segundas núpcias no ano de 1761 com dona Tomásia Maria de Jesus, em Barbacena, tendo cinco filhos. Foi sesmeiro das terras onde situa-se a Fazenda das Laranjeiras. O português exerceu várias atividades para o desenvolvimento local, inclusive, o apoio operacional e arquitetônico na construção da antiga Capela Curada do Arraial de São Tiago, por volta de 1761, quando o primeiro Bispo de Mariana Dom Frei Manoel da Cruz autorizou a edificação do templo.



O topônimo "Laranjeiras" já existe desde 1767 quando foi adquirida por João Rodrigues de Faria, e confirmadas por carta de sesmaria de 13 de fevereiro de 1767 (Projeto Compartilhar). Presume-se que era uma grande sesmaria e foi dividida em duas fazendas a "das Laranjeiras" e a "do Retiro das Laranjeiras" (onde residia o casal Pedro Rodrigues de Faria e Ana Maria de Jesus). "As Laranjeiras da sesmaria original, parte dela teria entrado como dote para a ordenação do Padre José dos Santos de Faria, filho de Pedro, e neto de João Rodrigues de Faria, e a sede, após a morte de Isabel do Rosário em 1817, teria também ficado para o neto padre, visto que ele continuou morando lá, e consta em seu inventário." (Vinícius da Mata Oliveira).

Anos depois a Fazenda foi adquirida pelo capitão João Rodrigues de Faria natural da Freguesia de São Matheus, Ilha do Pico, Bispado de Angra. De família tradicional daquela região é considerado um dos povoadores de Bom Sucesso.

Naquela época, a referência da localização da Fazenda consta, "situada na ponta da Serra de Ibituruna, foram compradas de Manoel Marques de Carvalho e de Eugenio Martins de Mello. Faziam fronteira com as fazendas de Bento Pinto de Magalhães, Manoel Teixeira, Manoel de Medeiros e João Batista. Mais tarde João pediu que lhes fossem concedidas por "legítimo título de sesmaria". O que lhe foi concedido aos 13-02-1767. Foi aí mesmo que João ditou seu testamento aos 11-12-1804, declarando sua naturalidade e filiação e instituindo por testamentários, pela ordem, a seu filho o Capitão Pedro Rodrigues de Faria, ao Reverendo João Bernardes da Silveira e a seu sobrinho João Antônio de Faria. Nele refere-se também a uma cunhada, dona Catarina." (Projeto Compartilhar).

Por ser uma fazenda centenária na região, seus primeiros donos eram pessoas com grande poder aquisitivo. Possuíam muitas criações como gados, porcos e galinhas. Nas mediações diversas plantações. Destaques para as de safras como milho, feijão, arroz; lavoura de café e frutas. Era visível observar a delimitação do terreno com os muros de pedras, feito por mãos escravas que dividia os limites da Fazenda com outras propriedades. O casarão do século XVIII, em estilo colonial com "eira e beira" tornava-se o ícone principal do lugarejo. Sua construção se diferia das demais devido a sua singeleza.

A ermida que havia na localidade foi colocada sob o patrocínio de Nossa Senhora do Rosário das Laranjeiras, construída por volta de 1801. Seu orago pode ser comprovado nos documentos de batizados e casamentos realizados na fazenda no arquivo paroquial da Catedral Basílica de Nossa Senhora do Pilar, em São João del-Rei: "Casamentos - S. João del Rei, aos 05-10-1801 Ermida N.S. do Rosário das Laranjeiras, Alferes Manoel Ferreira Carneiro, f.l. Cap. Manoel Ferreira

Carneiro e D. Feliciano Cardoza de Andrade; = cc. Ana Thereza de Jesus, f.l. Furriel João Rodrigues de Faria e Maria Izabel da Rocha. Nts/bts nesta freguesia."

Embora longe da vila de São Tiago a fazenda ficava bem próxima à cidade de Bom Sucesso, mas territorialmente fazia parte da Vila. Desse modo, a Fazenda recebia a visitas de vários padres-capelães que faziam a 'desobriga'; celebravam missas, casamentos, batizados e atendia confissões quando passavam pela região. Como já era de costume vir padres, na capela existia um pequeno acervo de batinas, estolas, capas para bênçãos e alguns objetos litúrgicos. Em seu interior, "a ermida além dos altares e forro ricamente decorado com pinturas, tinha além da imagem de Nossa Senhora do Rosário, também as imagens de Santa Ana e São Joaquim de Botas, infelizmente ou não, pois creio que dificilmente teríamos condições de manter preservados esses paramentos, os altares e o forro foram vendidos nos anos 60 ou 70 para colecionadores, e infelizmente, esse sim infeliz, as imagens foram vendidas também para colecionadores no começo dos anos 2000." (Vinícius da Mata Oliveira).



O cemitério ali existente próximo à fazenda era destinado para sepultamentos de pessoas da família e escravos. Nas visitas pastorais de Dom Frei da Santíssima Trindade, nos anos de 1821 a 1825, em sua passagem por São Tiago cita a existência da ermida pública da Fazenda: "A Capela Curada de São Tiago desta Matriz (N. Sra. do Pilar de São João del-Rei), está a sete léguas e da de Santa Rita quatro léguas. Tem 741 almas (habitantes), nesta aplicação tem uma ermida pública na fazenda das Laranjeiras".

A Fazenda das Laranjeiras foi também considerada como um ponto onde passavam comitivas de viajantes e outros. Foi mencionada por Saint-Hilaire, "seus muros de pedra serviam como ponto de vigia, quando voltar lá, vou tirar fotos da escada feita nas próprias pedras do muro para subir nele, e também vou fotografar os muros do cemitério. A sede da fazenda antiga infelizmente não existe mais, mas ainda possui alguns elementos originais, como os muros de pedra que a cercam, e o cemitério." (Vinícius da Mata Oliveira)

Com o falecimento do Pe. José em 1835 a fazenda ficou para seus três filhos naturais havidos com Porfíria Umbelina da Conceição onde viveram lá até em 1853. Assim conforme o inventário do Pe. José, e acredita-se que continuaram vivendo lá até 1870, quando por volta desse ano, a fazenda é adquirida pelo Sr. Joaquim Viana de Souza. Anos mais tarde, as Laranjeiras ficou na posse de seu neto, Sr. Joaquim da Matta Sobrinho, que foi casado com sua prima Carmelita Ferreira Viana. Por parte de seu pai, Carmelita era tetraneta de João Rodrigues de Faria, portanto, a fazenda continua na posse dos descendentes do sesmeiro original.

"A sede foi demolida no final dos anos 50, em um período muito triste e de grandes perdas para o patrimônio nacional (...) a sede das Laranjeiras era um raro exemplar de uma construção do século XVIII em nossa região." (Vinícius da Mata Oliveira)

A lendária Fazenda das Laranjeiras ainda esconde muitos segredos e mistérios que em um trabalho mais detalhado de pesquisas poderá trazer mais elementos para o seu enredo. Mas o que se pode deduzir era um lugar agradável, próspero e significativo para a história local, pois várias pessoas nasceram e viveram neste saudoso lugar.



Marcus Santiago
Membro do IHGST

CAPITÃO LUIZ CARDOSO OSÓRIO

*(Provavelmente) o primeiro
proprietário da Fazenda do
Rio do Peixe*

O Cap. Luiz Cardoso Osório foi uma das mais importantes figuras nos primeiros tempos de povoamento e colonização de nossa região, em especial Resende Costa e São Tiago, na qualidade de proprietário da Fazenda Bom Retiro do Rio do Peixe, aplicação da capela de Nossa Senhora da Penha de França da Laje, termo da vila de São José Del-Rei (divisas entre Resende Costa e São Tiago) Figura marcante nos registros da época e referência frequente em vários estudos realizados por pesquisadores/historiadores mineiros e nacionais.

O Cap. Luiz Cardoso Osório era português, filho de Manoel Gonçalves e Feliciano Cardosa de Andrade, naturais da freguesia de São Tiago de Sande, concelho de União, arcebispado de Braga. O Cap. Luiz Cardoso Osório foi casado em 1ªs núpcias com Ana Maria de Almeida, sem filhos; em 2ªs núpcias com Francisca Gonçalves Branca, filha de Antonio Gonçalves dos Anjos e Maria de Ramos⁽¹⁾ Foi inventariado em 1780 por sua viúva, tendo o casal oito filhos, sete deles vivos à época do inventário: Luiz⁽²⁾, Manoel⁽³⁾, Feliciano⁽⁴⁾ João⁽⁵⁾, João Cardoso⁽⁶⁾ Antonio⁽⁷⁾, Teresa⁽⁸⁾, Pedro⁽⁹⁾ Seu inventário, ao que se sabe um dos mais antigos constantes no acervo do Museu Regional de São João Del-Rei, foi encerrado em 08-02-1781. Vários dos filhos foram batizados e/ou casados nas capelas de São Tiago e Lage (Resende Costa) que configura a hipótese mais plausível de localizar-se a sede da propriedade (limítrofe) entre os atuais municípios de Resende Costa e São Tiago, provavelmente a Fazenda Rio do Peixe⁽¹⁰⁾.

Ditou seu testamento na Fazenda do Rio do Peixe aos 03-02-1780, tendo falecido aos 10 dias do mesmo mês e ano. Deixou como testamentários em 1º lugar a mulher Francisca Gonçalves Branca e o genro Domingos Gomes de Macedo; em 2º lugar o genro Cap. Manoel Ferreira Carneiro e em 3º o compadre José Jorge da Silva (este, igualmente, um importante sesmeiro e latifundiário da época, com terras nos atuais municípios de Ritópolis e São Tiago).

(Cap. Luiz Cardoso Osório – inventário cx.R-60 - 421, ano 1780, Museu Regional de São João Del-Rei, aberto na Fazenda do Rio do Peixe aos 13-04-1780 e encerrado aos 08-02-1781. Imóvel inventariado: Fazenda Bom Retiro do Rio do Peixe na Aplicação de Nossa Senhora da Penha de França da Lage (Resende Costa), freguesia e termo de São José, comarca do Rio das Mortes. A carta de sesmaria pode ser extraída na Revista do Arquivo Público Mi-



Fazenda do Rio do Peixe – foto: 1889

neiro nº 16, ano 1911, p. 164. No APM, sob o código CC2128, no livro referente à Comarca do Rio das Mortes (período 1775-1818), há lançamentos de créditos de dízimos em nome de Luiz Cardoso Osório, com o registro “Lage – 03 fev 1778”.

(Fontes: Carta de sesmaria, testamento e inventário de Luiz Cardoso Osório e ainda Projeto Compartilhar – Luis Cardoso Osório // Mathildes Alvares Jacinta – site https://gw.geneanet.org/gilenob?lang=no&n=jacinta&oc, acesso em 14-05-2019).

“O arraial da Lage, antigo nome de Resende Costa, foi berço também de Ignácia da Rosa Lara e Silva (ver INV, ano 1826, inventariante seu primo João Felizberto Rodrigues Lara – local Fazenda do Rio do Peixe na Aplicação de Nossa Senhora da Penha da França do arraial da Lage, termo da vila de São José. Ignácia era filha do Dr. João Antonio da Silva Leão e sua mulher Ana de Proença e Lara (...). E o caso de um óbito em 1780 na Fazenda Bom Retiro do Rio do Peixe, Aplicação de Nossa Senhora da Penha da França da Lage. Trata-se de Luiz Cardoso Osório casado com Francisca Gonçalves Branca, pais de Feliciano Cardoso de Andrade casada com Manoel Ferreira Carneiro...” (Ary Silva - Carmo da Cachoeira – História e Cultura – família Dias de Oliveira – www.carmodacachoeira.net>2009/02>ary-silva-da-familia-dias-de-oliveira.html, acesso aos 12/02/2020).

Em sua petição (carta de sesmaria) Luiz Cardoso Osório afirma ser morador no Rio do Peixe, freguesia da vila de São José, termo da Comarca do Rio das Mortes, “senhor e possuidor de umas terras de matos virgens e capoeiras na mesma Paragem” as quais confrontavam de uma parte com terras de Pascoal da Afonseca, da outra com Manoel João Freire e da outra com Antonio Ribeiro da Silva e da outra com Manoel de Araujo Sampaio e com o Padre Bernardo José de Faria” A concessão da sesmaria de “meia légua de terra em quadra” foi deferida pelo governador Gomes Freire de Andrade aos 29-07-1745. No inventário do Cap. Luiz Cardoso Osório, a Fazenda Bom Retiro do Rio do Peixe consta “de casas de vivenda, paiol e moinho tudo coberto de telhas, capoeiras e seus logradouros de campo que de uma banda confronta com Domingos Gonçalves Lopes e da outra com o patrimônio do Padre Miguel e da outra com terras dos herdeiros de Manoel João Freire...” no valor de 1:400\$000⁽¹¹⁾.

OUTROS BENS DE RAIZ:

- Fazenda chamada “Ressaca” na ponta da serra do Piauí (Pium-i)
- Fazenda Paciência com capoeiras, campos e moinho e árvores de espinhos (sic)⁽¹²⁾

- Casas sitas em São Tiago 52 escravos Monte-mor: 6:249\$755; valor líquido 6:058\$713; meação (vívua) 3:029\$371, cabendo a cada herdeiro 503\$252 (o herdeiro Pedro não participou do inventário)

Em seu testamento, Luiz Cardoso Osório determinou ser seu corpo “amortalhado no Hábito do Seráfico Padre São Francisco, de quem sou terceiro professo...”

A área da propriedade Fazenda do Rio do Peixe parece ser bem ampla e ao largo do Rio do Peixe, pois divisava com terras (sesmarias) conhecidos como Manoel de Araújo Sampaio (Galga/Micaela), Manoel João Freire (os terrenos da família Freire, segundo a oralidade e documentos, ficavam em divisas entre Ritópolis e São Tiago em direção à Restinga), Pe. Miguel Ribeiro de Almeida (proprietário das Fazendas São Miguel e Pombal).

Uma curiosidade: em 1936, ao se reformar um velho moinho d’água na Fazenda do Rio do Peixe foram encontradas algumas telhas de barro com inscrições datadas de 1754 (que infelizmente se perderam). O pedido/despacho da carta de sesmaria do Rio do Peixe feito por Luiz Cardoso Osório é de 29-07-1745 (Revista do APM ano 1911, vol. 16, pp. 161-233 – pesquisada/transcrita por Edriana Nolasco, a quem muito agradecemos).

Em sua obra “A negação da ordem escravista: quilombos em Minas Gerais no século XVIII” (Ed. Icone, 1988) Carlos Magno Guimarães menciona a existência de 127 quilombos entre 1710 e 1798 na região mineradora (p. 37); embasando-se aí, a historiadora Luciane Cristiana Scarato (in “Caminhos e descaminhos do ouro em Minas Gerais: administração, territorialidade e cotidiano 1733-1783” Unicamp, 2009, p. 118) ao pesquisar os inventários do período de 1729 a 1780 relata a ocorrência de fugas de escravos pertencentes a vários proprietários de nossa região, dentre eles Luiz Cardoso Osório (1780) e que se dirigiram/se homiziaram provavelmente em quilombos alhures.

A título de observação, o Cap. Luiz Cardoso Osório e sua filha Feliciano (Cardoso de Andrade) aparecem como padrinhos de batismo de Feliciano Clara da Silva, filha de José Jorge da Silva e Mariana Páscoa da Fonseca aos 04-11-1771 na capela de São Tiago (Projeto Compartilhar – José Jorge da Silva).

Em sua obra “Família escrava e riqueza na Comarca do Rio das Mortes: o Distrito da Lage e o Quarteirão do Mosquito” Ed. Ananblume, 2006, a autora Maria Lúcia Resende Chaves Teixeira esclarece: “Um dos mais antigos inventários localizados foi o de Luiz Cardoso Osório, do ano de 1780. Português, proprietário de muitas fazendas, família abastada, doou fazendas com todos seus pertences como dote a uma filha e muitos escravos a outros, abriu fazendas no sertão. Possuiu 49 escravos, grande maioria constituída em família com casais e filhos formalmente identificados na descrição dos bens. Na sua propriedade havia 10 famílias encabeçadas por casal, apenas duas delas não tinham filhos. Todos os casais eram africanos e a propriedade de escravos fora ampliada com os 24 filhos desses cativos. Apenas 5 escravos – 3 africanos e 2 crioulos – estavam desvinculados de laços familiares. Não havia sequer uma mulher adulta fora do círculo familiar” (pp. 140/141) Fonte mencionada pela autora em nota de rodapé; Museu Regional de São João Del-Rei, inventário de Luiz Cardoso Osório, Fazenda do Bom Retiro do Rio do Peixe, Aplicação da Capela de Nossa Senhora da Penha de França da Lage, 1780, Cx. 421.

NOTAS

(1) Antonio Gonçalves dos Anjos era natural de Barroso, termo de Montalegre, freguesia de Nossa Senhora do Rosário (segundo seu testamen-

to) ou da freguesia de Nossa Senhora de Covelhães do Rio, comarca de Chaves e arcebispado (segundo termo de batismo de seu neto Manoel Cardoso Osório). Era filho de Dionísio Gonçalves Branco e Senhorinha Gonçalves dos Anjos. Casou com Maria de Ramos, natural de Baependi, MG, filha de Baltasar Fernandes e Maria Martins. Antonio Gonçalves dos Anjos fez seu testamento em 04-05-1777, aberto aos 12-04-1788, declarando os nove filhos do casal e que sua esposa Maria “se acha há 20 e tantos anos apartada de mim”.

Maria de Ramos fez seu testamento em 30-01-1797, declarando dez filhos do casal, a saber: Simão, Francisco, Mathias, Antonio, João, Manoel (“ausente a trinta anos sem dele haver notícias”), Francisca, Maria, Ana, Isabel. Deixou como testamentários em 1º lugar o Alf. Manoel Fernandes Coura Porto, em 2º lugar a Antonio Marques “e em 3º a meu filho Antonio Gonçalves, em 4º a (meu filho) Mathias Gonçalves Branco...” Sepultada aos 30-03-1797 na capela de Nossa Senhora das Candeias, filial de São Bento do Tamanduá (Itapeperica).

(2) Luiz Cardoso Osório (filho) com 30 anos em 1780, casado com Joaquina Ferreira da Conceição, filha do Cap. José Ferreira de Souza. O casal teve os filhos: I – Jacinto, batizado em São José Del Rei aos 22-09-1782; II – Ana, batizada no Bichinho aos 26-08-1783; III – Maria, batizada na capela de São Tiago aos 17-07-1785; IV – Francisca, batizada na capela de São Tiago aos 29-10-1786.

Luis era tutor de suas irmãs Feliciano (c/c Cap. Manuel Ferreira Carneiro) e de Teresa (c/c Domingos Gomes de Macedo).

(3) Manoel Cardoso Osório, batizado aos 20-08-1753 na capela da Lage (Resende Costa), tendo como padrinhos Manoel Gonçalves de Araújo e Maria Correa, mulher de Domingos Álvares. Casado aos 18-01-1778 no arraial de Nossa Senhora da Conceição de Jacui com Arcângela Xavier Furquim, batizada aos 26-01-1755 no arraial de Santo Antonio de Campanha, tendo o casal os filhos: I - Maria Francisca Osório c/c Cap. Domingos de Souza Vieira; II - Rita Benedicta de Cássia Osório c/c Joaquim Alves de Moura; III - Anna Luiza c/c Joaquim da Silva Borges; IV - Manoel Cardoso Osório Filho; V - Maria Magdalena c/c José da Silveira Fernandes. O Capitão Manoel Cardoso Osório faleceu em sua fazenda “As Ninfas”, em Passos, MG, aos 27-01-1828, onde já residia anteriormente a 1792 (Testamento e Inventário Cx. 97, ano 1831, MRSJDR e Centro de Memórias Prof. Antonio Grilo, pasta 01, doc.22, ano 1828, Passos/MG) Sua esposa, Arcângela Xavier Furquim, era filha do Sargento Mór Francisco do Rego Barros (nascido em Aiuruoca e falecido aos 12-09-1795 em Jacui aos 80 anos) e de Mathildes Alvares Jacinta, a velha (nascida em Guaratinguetá, SP e falecida aos 30-01-1778 em Jacui)np de Francisco Rego Barros e Arcângela Xavier Furquim da Luz e nm do Cap. Domingos Alves Ferreira Filho e Tomásia Pedrosa da Silveira (“A história de Francisco Martins de Castro e Anna Rita de Jesus Medeiros – subsídios às genealogias paulista e mineira” – pesquisas de Décio Martins de Medeiros).

O sargento mór Francisco do Rego Barros, sogro de Manoel Cardoso Osório, foi um dos membros da expedição de Bartolomeu Bueno do Prado, composta por 400 homens armados, que entre 1758 e 1760 combateu e destruiu o Quilombo do Ambrósio na região de Ibiá e Campos Altos. Por recompensa, recebeu sesmarias ao longo e além das nascentes do ribeirão Bocaina, onde implantou a fazenda Bocaina, onde viria a falecer aos 12-09-1795 aos 80 anos. Seu pai (homônimo) era natural de Pernambuco, casado com Arcângela Furquim Xavier; participou do levante de Pitanguí (1719-1720)ai exercendo as funções de vereador. (Fonte Centro de memórias prof. Antonio Grillo – Passos/MG clicfolha.com.br>matéria>bocainados-rego-barros, acesso aos 09-12-2019)

“Entre os demais antepassados de Antonio Martins de Medeiros destacamos a ligação com a genealogia paulistana através de Manoel Cardoso Osório, n. no arraial de São José do Rio das Mortes (S. José del-Rey/Tiradentes) MG e foi batizada em 20-agosto-1753 em Lage, São José del-Rei (Registro de batismo no livro de São José-batismo que está em São João Del-Rei no arquivo paroquial da matriz do Pilar, estante 01, caixa 03 – 1750-1779) Ele faleceu em 27-jan-1828 na Fazenda Ninfas, Passos, MG. Manoel c.c. Arcângela Xavier Furquim em 18-01-1778 no arraial de N.S. Conceição de Jacui, MG” e Arcângela Xavier Furquim foi batizada em 26-01-1755 em matriz de Santo Antonio, Campanha do Rio Verde, bispado de Mariana, MG” (microfilme CHF 1284963, registro de batizados de 1748 a 1777, matriz de Santo Antonio, Campanha do Rio Verde, Minas Gerais) (Pesquisas de Décio Martins de Medeiros – “Antonio Martins de Medeiros, primeiro prefeito de Águas de Santa Bárbara” – Revista da ASBRAP nº 20, p. 673)

No testamento do Cap. Luiz Cardoso Osório, lavrado na Fazenda do Rio do Peixe, datado de 03-02-1780, lê-se: “Declaro que mandando o meu filho Manoel para administrar a minha fazenda da Piedade com seis escravos, cinquenta e sete cabeças de gado vacum, quatro bois de carro que levou, vinte e sete cabeças de porcos (...) esteve o dito na referida fazenda

por quatro anos e de nada deu conta, mas antes se ausentou para as partes de Jacui com tudo o que pode levar (...) Os escravos vieram fugitivos para a minha companhia e eu lhe assistia com todo o necessário”

“Declarou a inventariante que havendo no seu casal uma fazenda perto do Piauí, sendo vivo seu marido, a manda administrar pelo dito Manoel, herdeiro, cinquenta e sete cabeças de gado vacum, quatro bois de carro, vinte cabeças de porcos, ele o assistira com a despesa de ferramentas, roupas e mais coisas precisas para a custeação da mesma fazenda, dando-lhe mais, para o serviço dela, seis escravos para todos trabalharem para o aumento do casal e que o dito herdeiro Manoel, nesse tempo, se casara e largara a fazenda ao desamparo, levando consigo o gado e mais coisas que havia na fazenda e só os escravos tornaram a vir a seu poder, por haverem fugido da companhia do dito Manoel.

Declarou mais a inventariante cabeça do casal que, além do dito, lhe deram ela e seu marido dois escravos a saber Domingos da nação banguela e outro Domingos Crioulo, que ambos valiam cento e oitenta mil réis” (Inventário do Cap. Luiz Cardoso Osório – Inventariante Francisca Gonçalves Branca – 1780 – Cx. R.60 – 421 – MRSJDR).

Em sua obra/dissertação acadêmica “O Caminho Novo: uma viagem social, administrativa e econômica às Minas Gerais setecentistas” Luciane Cristina Scarato, UNICAMP, ao abordar o contexto/capítulo “As longas viagens e a mobilidade geográfica dos mineiros (família e casamento – Que se acha ausente e onde não se sabe)” informa: “Um caso emblemático dessa mobilidade e transitoriedade dos indivíduos das Gerais é observado em Manoel, filho de Luiz Cardoso Osório, falecido em 1780 na fazenda Bom Retiro do Rio do Peixe. Segundo a viúva, sua mãe, Francisca Gonçalves Branca, o filho fora mandado para uma fazenda que a família possuía perto do Piauí, com cinquenta e sete cabeças de gado vacum, quatro bois de carro, vinte cabeças de porcos e escravos para “aumento do casal”. Porém, Manoel casou-se, largou a fazenda e levou consigo todo o gado e demais coisas que para lá havia conduzido. Francisca descobriu o ocorrido porque um escravo fugiu e retornou ao seu poder. Podemos supor que Luiz Cardoso Osório, desejando manter e ampliar seu patrimônio, mesmo em terras afastadas de onde fixara residência, enviou seu filho, este, porém, após constituir a própria família, parece ter abandonado o projeto do pai e fugido, carregando o que recebera. Mobilidade descoberta, porém não evitada, pois, ao que parece, Manoel não foi encontrado” (op. cit. pp. 542/543 e 551 e ainda MRSJDR – Invent. Cx 421, 1780).

(4) Feliciano Cardosa de Andrade batizada na capela da Lage em 05-07-1758. Casou na capela de São Tiago aos 18-05-1882 com o Cap. Manoel Ferreira Carneiro, natural da freguesia de São Cristóvão de Refoios, bispado do Porto, filho de Manoel Carneiro Ferreira e Rosa Francisca. Como dote de casamento, conforme consta no testamento do Cap. Luiz Cardoso Osório, foi dado ao genro (Cap. Manoel Ferreira Carneiro) a importância de 4.000 cruzados. O casal foi grande proprietário de terras em nossa região (Ver Box – Manoel Ferreira Carneiro).

(5) João, batizado em 05-05-1760 na capela da Lage. Provavelmente falecido em tenra idade (antes de 1764).

(6) João Cardoso Osório batizado aos 30-03-1764 na capela de São Tiago. Casou aos 27-08-1782 na capela do Livramento (Prados) com Maria de Jesus (família Antonio Gonçalves dos Anjos) filha de João Francisco da Silva e Quitéria da Assunção. Maria de Jesus foi batizada aos 24-12-1756 na matriz de Prados (Projeto Compartilhar – João Francisco da Silva) O casal João Cardoso/Maria de Jesus teve os filhos: I – Marcelina, batizada aos 14-06-1783 na capela de Nossa Senhora do Livramento em Prados; II – Maria Francisca da Conceição, batizada aos 17-07-1785 na capela de Nossa Senhora do Livramento em Prados; casou aos 09-11-1803 na capela de São Tiago com o Alf. Antonio Joaquim de Andrade, batizado aos 14-01-1780 na capela de Nossa Senhora da Madre de Deus, filho de José Garcia e Maria de Nazareth; foram moradores no termo da vila de São Carlos do Jacui, MG; III – João, batizado aos 07-11-1785 na capela de Nossa Senhora do Livramento em Prados; IV – Manoel, batizado aos 13-02-1791 na capela de São Tiago aos 13-02-1791; VI – Paulino, batizado na capela da Lage aos 05-01-1793; VII – Ana Luísa de Jesus, batizada na capela de São Tiago aos 28-01-1789; casou aos 23-07-1806 na ermida da Fazenda dos Faria, aplicação de Madre de Deus com José Garcia Rodrigues, então com 28 anos, filho de José Garcia e Maria de Nazareth. José Garcia Rodrigues foi proprietário de sesmaria na fazenda do Rio Grande, freguesia de Nossa Senhora do Pilar (MRSJDR SM-07) e faleceu em sua Fazenda “Ponte de Pedra” no curato do Espírito Santo de Carrancas, sendo inventariado em 1840 por sua viúva. Bens divididos em 1857 entre a viúva e os nove filhos, todos emancipados aos 14-02-1862. Dentre os bens a Fazenda “Ponte de Pedra” com 729 alqueires (Projeto Compartilhar

– Isabel Pedrosa e seus dois maridos: João Rodrigues Goulart e João da Costa Guimarães): VIII – Luiz, batizado aos 12-12-1794 na capela da Lage (Projeto Compartilhar – Antonio Gonçalves dos Anjos).

Segundo o requerimento dos padres Miguel Ribeiro da Silva e Barnabé Ribeiro da Silva, em data de 02-10-1793, referente a carta de sesmaria de uma fazenda na aplicação de Santa Rita, vila de São José, comarca do Rio das Mortes, as terras da citada fazenda – provavelmente a Fazenda São Miguel (ou ainda a fazenda Pombal) – confrontavam-se “por um lado com terras de João Cardoso Osório (...) e pelos fundos do ribeirão chamado o Rio do Peixe...” (APM – Notação SG Cx. 25, doc. 22).

(7) Antonio, batizado aos 08-12-1766 na capela da Lage.

(8) Teresa Gonçalves Cardoso c/c Domingos Gomes de Macedo. Proprietários da Fazenda da Paciência. Já era casada em 1780. Aparece no censo de 1831 na condição de viúva, moradora da casa 39 em Carmo do Rio Claro, MG (ver nota 11).

(9) Pedro Cardoso Osório batizado aos 20-03-1769 na capela de São Tiago pelo capelão Pe. Bento Francisco Ribeiro (assento tardio em 1794 a pedido do próprio) Eis na íntegra o assento:

B7 – São José Del Rei, Minas Gerais e capelas filiadas, batismos – cópia de requerimento feito por parte de Pedro Cardozo Ozório ao muito Revd^o Dr. Pedro Joseph Pereira de Castro, vigário da vara desta comarca, despacho deste e assento de batismo daquele feito e assinado pelo Rdo. Bento Francisco Ribeiro, tudo como abaixo se segue:

Diz Pedro Cardozo Ozório, fl. do Capitão Luiz Cardozo Ozório e de s/m Francisca Gonçalves Branca, moradores no Rio do Peixe, freguesia e termo da Vila de São José, que para bem de seu requerimento precisa certidão de sua idade e como não apareceu o assento de seu batismo e o suplicante com licença foi batizado na capela de São Tiago pelo capelão dela o Padre Bento Francisco Ribeiro, filial da matriz desta vila por ser mais perto e foi seu padrinho o Cap. Francisco Pinto Rodrigues, já falecido e madrinha Ignacia Caetana, hoje viúva de Manoel Ribeiro, nestes termos requer a Vm.ce mande que com certidão e informação do dito padre batizante de como batizou o suplicante o Reverendo Vigário da Vila de São José faça assento do batismo de suplicante no livro competente e feito lhe passe por certidão para com ela requerer o que lhe convier = Pede a Vm.ce seja servido assim o mandar = E receberá Mercê = Sim = na forma que requer. São João 05-05-1794 = Pereira Castro.

Aos 20-03-1769 batizei e pus os santos óleos a Pedro, fl. do Alferes Luiz Cardozo Ozório e de s/m Francisca Gonçalves, foram padrinhos o Cap. Francisco Pinto e Ignacia Caetana de Souza. São Tiago era supra = o Padre Bento Francisco Ribeiro = E não se continha maius couza alguma em os ditos requerimentos. Despacho e assento do batismo que aqui bem e fielmente fiz copiar aos quais me reporto. Vila de São José 06-05-1794 O Vig. Mel. Gomes de Souza”.

(10) A tradição familiar afirma que, em 1936, ao se fazer a reforma de um velho moinho na Fazenda do Rio do Peixe, foram encontradas algumas telhas de terracota com a inscrição LC 1754. As telhas viriam a desaparecer.

(11) 1797 – Requerimento do Alferes Domingos Gonçalves Lopes referente a carta de sesmaria de meia légua de terra sita na paragem chamada Rio do Peixe, termo da vila de São José (APM SG-Cx.158, doc.21 / SG-Cx.32 doc. 15 – 1797 – Despacho do Governador Luis Antonio Furtado de Mendonça, Visconde Barbacena).

09-10-1800 – Requerimento de Domingos Gonçalves Lopes pedindo confirmação de carta de sesmaria de meia légua de terra em quadra, sita na paragem chamada Rio do Peixe, do termo da vila de São José, comarca do Rio das Mortes (AHU/MG Cx. 154, doc. 22) Cx.158, doc.21)

“...nos livros da matriz de São José Del-Rei (Tiradentes) encontramos várias anotações a exemplo de registro de casamento de escravos do Alferes Domingos Gonçalves Lopes realizados em 1801, onde se lia que Paulo Benguela e Maria Angola se casaram na “ermida de São Miguel da fazenda do reverendo Miguel Ribeiro da Silva, freguesia de São José” (Isaac Cassemiro Ribeiro – “Família e Povoamento na Comarca do Rio das Mortes – os “Ribeiro da Silva” – Fronteira, Fortuna e Fazendas” Minas Gerais, séculos XVIII e XIX’, pp. 173.

(12) A fazenda da Paciência, conforme consta no testamento do Cap. Luiz Cardoso Osório, foi dada ao seu genro Domingos Gomes de Macedo como dote de casamento da filha Teresa Gonçalves Cardoso “com todos os seus pertences, seis escravos (...), doze éguas, dezesseis cabeças de gado vacum, quatro bois mansos de carro e dois bravos, doze cavalos, doze ovelhas, umas cabeças de porcos e um cavalo selado e enfreado e que a tudo se acha o dito meu genro inteiramente pago e satisfeito”.

MANOEL FERREIRA CARNEIRO

Manoel Ferreira Carneiro nasceu aos 25-12-1731 na aldeia de Ventozela, freguesia de São Cristóvão de Rebolo, bispado do Porto, filho de Manoel Carneiro Ferreira e Rosa Francisca. Casou aos 18-05-1772 na capela de São Tiago com Feliciano Cardoso de Andrade, batizada na capela da Lage (Resende Costa) aos 05-07-1758, filha do Cap. Luís Cardoso Osório e Francisca Gonçalves Branca, sendo padrinhos Domingos Rodrigues Lima e s/m Maria de Ramos.

D^a Feliciano faleceu em março de 1795 com inventário aberto pelo viúvo no mesmo ano na Fazenda do Jacaré da Aplicação de Santana, freguesia de São Bento do Tamanduá, termo da vila de São José. Manoel Ferreira faleceu aos 19-06-1808. Entre seus bens, além da Fazenda Jacaré onde morava, o sítio Quebra-Dentes, a Fazenda Três Irmãos em Santo Antonio do Amparo com casas, engenhos, senzalas e benfeitorias e terras nas margens do Rio Verde em sociedade com Domingos Ribeiro Rebordões. Filhos do casal:

I – Francisca Ferreira de Jesus, casou aos 28-02-1791 com o Cap. Bernardo José Gomes Carneiro, moradores em Conceição da Barra, um dos maiores latifundiários da região. Uma das filhas, Feliciano Cardoso de Almeida, c/c Antonio Joaquim de Almeida (+ 15-04-1861) foram proprietários das Fazendas Rio do Peixe, Prata, Canjica, Lage do Caxambu etc (Projeto Compartilhar – “Origens dos Carneiros e Costa Rios”); II – Manoel Ferreira Carneiro com 18 anos em 1795. Casou aos 05-10-1801 na ermida de Nossa Senhora do Rosário das Laranjeiras com Ana Teresa de Jesus, filha do Cap. João Rodrigues de Faria e Maria Izabel da Rocha (família “Os Farias de Bom Sucesso”); III – Cap. José Ferreira Cardoso, batizado na capela de S. Antonio do Amparo aos 21-10-1779; casou com Joana Felicia de Paiva, proprietários da Fazenda Três Irmãos em Santo Antonio do Amparo; IV – Ana Ferreira do Nascimento c/c Manoel da Costa Ribeiro, com propriedades em Passa Tempo e Japão (Carmópolis de Minas) V – Maria Ferreira do Nascimento aos 15-01-1798 em São Bento do Tamanduá c/c Cap. João Ferreira da Silva; VI – Joaquim Ferreira Carneiro casou aos 21-02-1816 em Santo Antonio do Amparo com Antônia Cândida, filha do Cap. Inácio Ribeiro da Silva e Francisca Felisberta de Góes e Lara, moradores em Oliveira (família “Os Ribeiro da Silva”); VII – Antonia, batizada aos 04-07-1784, casada com o Guarda Mor Francisco Gonçalves da Silva; VIII – Feliciano Cardoso de Andrade c/c o Cap. Manoel Gomes Carneiro (+ 18-02-1837); IX – Joana Ferreira de Jesus com 4 anos em 1795; solteira, fez seu testamento aos 19-03-1872 na Fazenda da Lagoa em S. Antonio do Amparo; X – Custódia Ferreira da Silva com 3 anos em 1795; casou com o Ten. José Ferreira da Silva (+ 24-01-1828), português, filho de José Ferreira da Silva e Maria Cleofa Bueno (família “João Gonçalves de Mello”) Foram proprietários das Fazenda Ribeirão e Paciência na aplicação de Santa Rita (Ritópolis).

(Fonte: Projeto Compartilhar – Origens dos Carneiros e Costa Rios)

Proprietários da Fazenda do Rio do Peixe

Há menção (meados do séc. XVIII) a proprietários de sesmarias em torno a Fazenda do Rio do Peixe, dentre eles, Cap. Francisco Pinto Rodrigues (1721 – 1792) e Cap. Luiz Cardoso Osório (+ 1780) e deste a seu filho João Cardoso Osório.

Em inícios do séc. XIX a fazenda era propriedade do Alt José Jacinto Rodrigues Lara (casado em 1825 com D. Antonia Maria de Almeida Lara) em coparceria com suas primas Ignácia da Rosa Lara e Silva (que ditou seu testamento na Fazenda do Rio do Peixe aos 14.12.1827, aí falecendo aos 23.01.1828) e Joaquina de Proença e Lara (1764 – 1835).

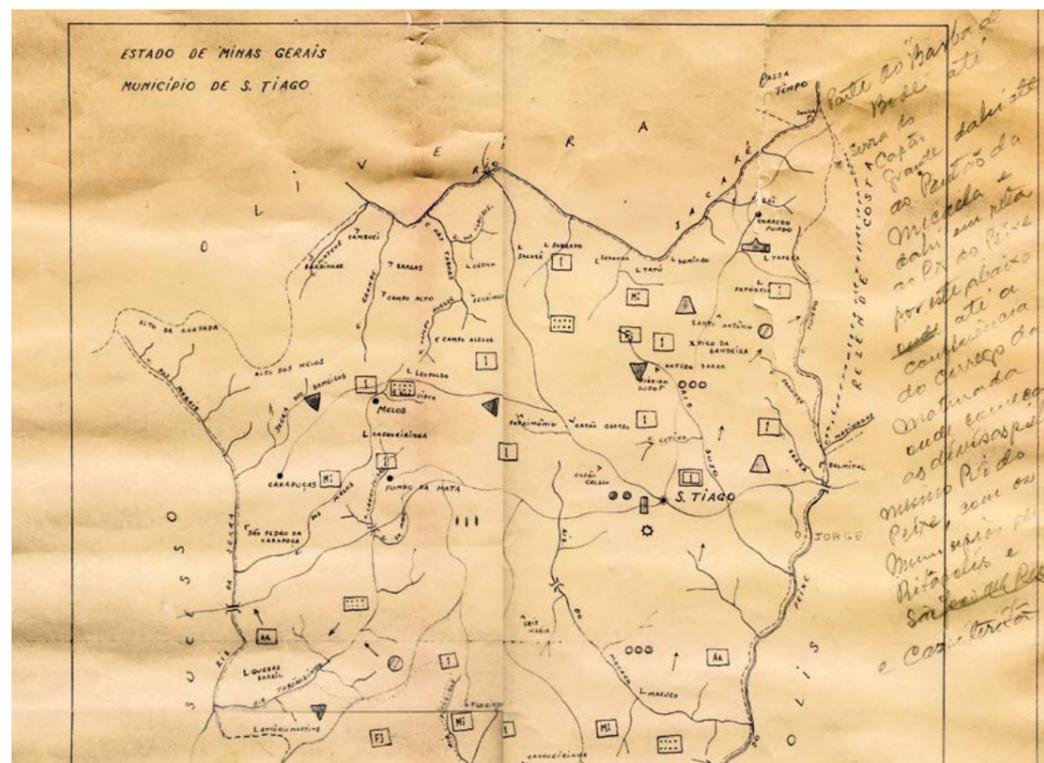
José Jacinto adquiriria as partes das primas tendo a fazenda passado para seu filho Joaquim Pinto Rodrigues Lara (nascido na fazenda em 1826); deste vendida em 1879 ao Cel. Antonio Carlos de Oliveira (1840 – 1910) que a passou à sua filha Maria José de Oliveira (1888 – 1962), casada com Aristides Batista Gomes (1885 – 1961). Em 1930 adquirida pelo major Marcos de Oliveira Braga (1874 – 1951), que a transferiu em 1936 à sua filha Abigail Oliveira Resende (1910 – 1994) casada com Antonio Pinto de Oliveira (1905 – 1987) e destes ao filho Dr. Messias José Pinto de Oliveira. A antiga sede viria a ser demolida na década de 1980.

CURIOSIDADE:

Um dos membros da família “Gomes Carneiro”, Manoel Gomes Carneiro foi batizado em Refojos aos 19-03-1793, filho de José Carneiro e Ana Carneiro. Casado com Mariana Alves de Jesus, filha de Carlos Rodrigues da Silva, o casal residia em Conceição da Barra, onde tinham casa no arraial, chácara nos subúrbios e partes da fazenda Santa Rosa, adquirida de uma das herdeiras de João Fortes Bustamante. Manoel Carneiro faleceu aos 22-01-1844 de “morte acontecida que tão cruelmente lhe foi feita (...) a fim de serem punidos os autores da morte do dito seu marido”. D^a Mariana faleceu aos 07-07-1847, sendo inventariada pelo cunhado Antonio Gomes Carneiro.

Segundo seus inventários, o casal Manoel Gomes e Mariana Alves teve os filhos Maria Antonia do Carmo, José Gomes Carneiro e Antonio José Gomes Carneiro tutelados pelo tio paterno e inventariante (Fonte: Projeto Compartilhar – “Origens dos Carneiros e Costa Rios – Gomes Carneiro”)

Tema em Pesquisa – Pe. Bento Cardoso Osório, fundador do Colégio dos Padres Osório na freguesia de N. Sra. do Rosário do Sumidouro, proximidades de Mariana. Algum parentesco com o Cap. Luiz Cardoso Osório?



Maria Marilda de Oliveira Sousa



História em quadrinhos, filmes, desenhos animados, livros, sempre definem os super heróis com fortes, com super poderes ou possuidores de um objeto que lhes ajuda. Aquele que sempre se dá bem no final. Ah, e algumas vezes eles usam capas.

Masa existe uma heroína que não precisa de capa nem super poder. Ela usa a gentileza, a graça, determinação, generosidade e amor no coração para ajudar o próximo. Carrega, por onde anda, um largo sorriso, mais poderoso que qualquer arma.

Super herói em filmes salvam pessoas, prendem vilões... Esta heroína faz as coisas mais simples com um significado gigante.

Maria Marilda de Oliveira Souza é o nome de nossa heroína.

Para cada missão, ela tem um super poder.

Hora de ensaiar as crianças para o coral? Marilda ativa seu super poder de canto.

Hora de ajudar na igreja? Marilda ativa seu poder de iniciativa e faz qualquer trabalho para ajudar.

E não é nos momentos mais difíceis que os heróis aparecem! Com a nossa super heroína não poderia ser diferente! Alguém foi morar com Deus, Marilda ativa seu poder de confortar os familiares e rezar e cantar por quem partiu. É onipresente nos velórios, afinal este é o momento de maior dor e sofrimento das pessoas. Mas a Marilda está lá, firme, tentando minimizar o sofrimento de familiares e amigos, além promover uma despedida digna a quem morre. Muito embora também esteja com o coração partido.

Marilda sempre está disposta a ajudar quem precisa, pois se sente muito feliz a agradecida ao ver a felicidade estampada no rosto das pessoas depois de ajudá-las.

Nenhuma pessoa precisa ter capas, máscaras, ou poderes sobrenaturais para ser um super herói. Basta apenas fazer o bem para a sociedade. Assim como a Marilda.

(Bárbara Fuzzato, Carlos Eduardo R. Sousa, Geovana S. Santiago, Iran S. Costa, João Gabriel E. Silva, Laiany S. Almeida, Maria Cecília S. Almeida, Maria Rita C. Castro, Thais G. M. Xavier)



Eram muitas vezes... uma mulher



Esta história coeça sem "Era uma vez", pois não foi uma vez. Então podemos começar com "Eram várias vezes..."

Eram várias vezes uma são-tiaguense honorária. Não era uma são-tiaguense como as outras. Ela havia vindo de uma terra muito distante, um lugar muito bonito e muito rico chamado Inglaterra.

Antes de chegar aqui, ela viajara há vários lugares... Croácia, Nigéria, Portugal... Aos 24 anos já conhecia 24 países! Viajou entre continentes até parar em São Tiago, onde morava seu marido, o qual tinha conhecido em uma viagem ao Egito. Chegou sem voadoras ou kung-fu.

Quando chegou por aqui tudo era novidade... Língua, costumes... Até o clima era diferente!

Seu vilão era muito pior que o Coringa sonharia ser. O vilão a ser combatido seriam as drogas, o preconceito e o desemprego entre os jovens daquela terra.

Tornou-se, então, uma super heroína. Combatendo o crime, a seu modo, de calça jeans e camiseta.

Na tentativa de desviar os jovens das drogas, nossa heroína criou escola de reforço e lazer para os filhos dos trabalhadores de sua fazenda, mas logo depois, decidiu abrir para todos. Assim, enquanto os pais trabalhavam, os filhos ficavam protegidos na Escolinha Lua Dourada.

Era mais uma vez, além das vezes, esta super heroína além de dar emprego em sua fazenda para muitos são-tiaguense, oferecia novas oportunidades de trabalho a ex-presidiários e a pessoas que tentavam se salvar do mundo das drogas. Oferecia empregos dignos para ajudar a pessoa a sair da pobreza.

Em outra vez... a super heroína fazia doações de frutas para as escolas do município, ajudando a combater a fome...

Uma super-heroína, ao vivo e a cores, e não traçada em Histórias em Quadrinhos. Seus feitos são heróicos e fazem-na heroína por trás de um rosto feminino, angelical...

Mary Anne Almeida luta como uma mulher, sem capa ou magia, contra o crime a seu modo, e assim contribui para deixar o mundo melhor.

Brenda F. Campos, Henrique S. Almeida, Kainnan R. C. de Paula, Kivia M. S. Capito, Luana P. Castro, Maria Teresa S. Caputo, Rodrigo A. C. Gouveia)



ESTADO BRASILEIRO LEGITIMAÇÃO DA DESIGUALDADE

"O homem guiado pela ética é o melhor dos animais; sem ela, é o pior" (Aristóteles)

"Quer conhecer o homem, dê-lhe poder" (Platão)

Recentemente, o governador do Estado de Goiás, Ronaldo Caiado, em entrevista (G1-Globo News) ao jornalista Gerson Camarotti, disse que o Estado tornou-se tão somente uma agência, um guichê de pagamentos de salários. Segundo o lúcido governador, a folha de pagamento do funcionalismo goiano consome hoje 82% de toda a receita. Em Minas Gerais, esse valor chega a 88%, o que se sucede em vários outros membros da Federação. O Estado, enfim, tornou-se propriedade do funcionalismo. Ou melhor de certa elite, pois a grande maioria de funcionários – como professores, enfermeiros, médicos, policiais – recebe precariamente. Uma elite cega, insensível, que detém e manipula, há séculos, os meandros do poder a seu exclusivo interesse. Os portadores do "anel de Gíges"⁽¹⁾ segundo conceito do inclito economista Giannetti da Fonseca.

Estados há que sequer conseguem manter o pagamento de salários em dia. 93% do orçamento federal é despesa obrigatória (geralmente salários), nada sobrando para investimentos. A carga tributária brasileira é hoje de 36% do PIB, com um déficit nominal de 6%, ou seja o governo gasta mais do que arrecada. 40% de tudo que a sociedade cria é intermediado e sugado pelo Estado. Consequências: educação fundamental deplorável, saúde pública vergonhosa, metade dos domicílios não tem saneamento básico, segurança pública sofrível. "O Estado brasileiro gasta com ele mesmo" "fechado em si mesmo, quando não preso às conversinhas de redes sociais e de questionáveis ideológicas e corporativistas" afirma o consagrado economista Eduardo Gianetti da Fonseca. Acrescenta ainda o Dr. Gianetti: "Liberalismo econômico não funciona isoladamente sem políticas para o meio ambiente, educação, infraestruturas básicas para a população como saneamento, transporte público" Como fazer se o dinheiro do País é drenado para as castas e ainda para máfias de corruptos?!

A legitimação da desigualdade. Grupos privilegiados, geralmente pessoas do topo que acham-se intocáveis, invulneráveis e acima de quaisquer dificuldades, sem passarem pelo crivo da

meritocracia, de quaisquer avaliações ou de produtividade. Não é de se admirar os escândalos como altos servidores recebendo mais de um milhão em seus contracheques. Tudo normal, tudo legal, segundo os "donos" do Estado. O povo que viva de migalhas, é o que pensam e fazem nossos "nobres senhores"...

NOTAS

(1) Anel de Gíges – mito celebrizado por Platão (472-347 a.C) em sua obra "A República". Eis o relato. Certo dia, após uma tempestade, abre-se enorme fenda no chão e o rebanho do pastor Gíges é engolido. Gíges adentra a fenda, encontrando no fundo o cadáver de um gigante que trazia um anel em um dos dedos.

Gíges coloca o anel, dali seguindo para a assembleia de pastores reunida para apresentar ao rei um relatório sobre a situação do rebanho. O pastor, surpreso, percebe que ao girar o anel para baixo, ele se tornava invisível; girando-o para cima retornava à condição de visível. Eufórico com a descoberta, Gíges chegando ao palácio, gira o anel e se torna invisível. Dessa forma, assassina o rei, abusa da rainha, usurpa o trono, iniciando longa dinastia.

Ao desfrutar da invisibilidade, movido pelo insano desejo de poder, o pastor passa a agir sem escrúpulos: seduz, violenta, rouba, mata, escraviza. Daí, Platão, em seu conto, nos provocar e nos propor a seguinte questão: os homens são bons por escolha própria ou simplesmente porque temem ser descobertos e temidos?

Com o "anel da invisibilidade" (leis e privilégios inimagináveis às custas da miséria de grande parte da população) os poderosos em todo mundo agem livremente, cometendo os mais acintosos abusos, imunes às punições, mesmo porque são eles, por vezes, os legisladores e julgadores. Segundo Platão, a propensão humana é muito frágil: entregue a seus instintos naturais, não temendo punição ou consequências, o homem exercita o egoísmo, a ganância, a sede de mais e mais poder, fama, dinheiro, levando-o a roubar, a trapacear, até mesmo escondendo-se através do "anel da legalidade" (impunidade) Daí assistirmos ao grande número de autoridades cínicas, imorais, corruptas e ... "invisíveis"!

UMA MANHÃ DE PÁSCOA NO GULAG

Naquela primavera mortalmente perigosa, o exemplo de firmeza moral dado pelas camponesas fieis, quase analfabetas de Voronej, foi-nos de grande ajuda. Naquele ano, a Páscoa caía no final do mês de abril. As camponesas cumpriam o seu dever, a cada dia, sem queixas. O plano de produção de nosso quilômetro sete dependia essencialmente de seu trabalho. Mas, quando eles pediram permissão de folga no primeiro dia da festa da Páscoa, “o Primo” recusou-se a ouvi-las.

- Voltaremos ao trabalho e trabalharemos três vezes mais, mas respeite...

- Não reconhecemos nenhuma festa religiosa. Inútil tentar me convencer! Vocês vão com os outros para o campo.

Eles empurraram as camponesas à força para fora das baracas, de onde elas se recusavam a sair, repetindo:

- Hoje é Páscoa, Páscoa! Trabalhar é um pecado!

Quando chegaram ao local de trabalho no campo, elas depuseram cuidadosamente seus machados e foices e sentando-se com ar grave nos troncos ainda gelados, entoaram preces. A escolta lhes ordenou que tirassem os sapatos e ficassem de pé, descalças, na água glacial que cobria a superfície ainda gelada de um pequeno lago.

Não sei quantas horas durou aquela tortura física para elas e moral para nós. As camponesas, com os pés desnudos no gelo, continuaram a rezar. Largamos os nossos instrumentos

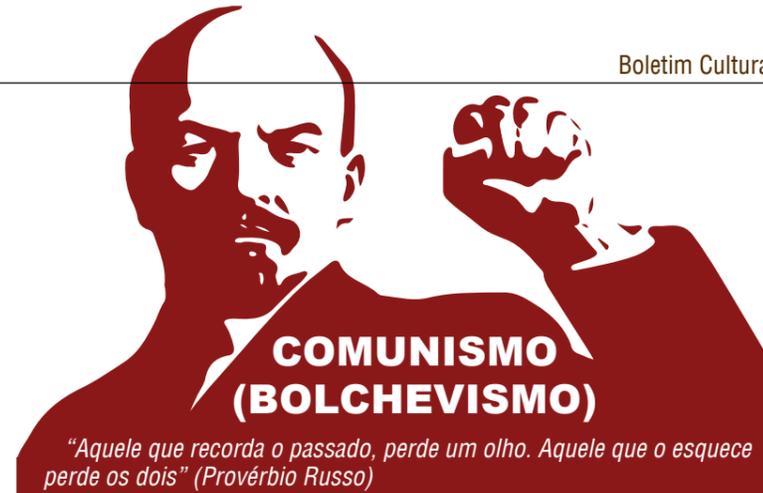
de trabalho e começamos a correr de um soldado para outro, suplicando-lhes aos prantos.

Naquela noite, a cela disciplinar estava tão cheia que mal podíamos ficar de pé. Contudo, a noite passou sem que nos dêssemos conta. Conversamos até o amanhecer. Como julgar o comportamento das camponesas? Seria fanatismo ou a prova de uma firme vontade de defender a sua liberdade de consciência? Devíamos considerá-las loucas ou admirá-las? E, o que nos inquietava e perturbava mais do que tudo, teríamos sido capazes de agir da mesma maneira?

Discutíamos com tanto ardor que esquecemos a fome, a fadiga e a umidade fétida daquele lugar. É notável observar que nenhuma das mulheres que ficaram por tanto tempo com os pés nus no gelo, ficou doente. Quanto às suas obrigações, nos dias seguintes, elas as cumpriram 120 por cento.

E.S. GUINZBOURG

(Magnífico texto de autoria de um deportado e ateu, testemunhando a heroica e aguerrida atitude das camponesas prisioneiras em um campo de concentração soviético e sua inquebrantável decisão de comemorar a Páscoa, resistindo às perseguições e torturas dos guardas. “Páscoa! Hoje é Páscoa! Trabalhar é um pecado!”)



Um dos regimes mais cruéis e sinistros até hoje surgidos na face da Terra é/foi, sem dúvida, o bolchevismo. Implantado por Lenine na Rússia em 1917, a partir das ideias de filósofos como Karl Marx (“O Capital”), Engels e Hegel e ainda hoje atuante em países como China, Coreia do Norte, Vietnã, Cuba, deixaria marcas inapagáveis e sanguinolentas na história de nosso tempo. A extinção da liberdade individual e dos direitos humanos fundamentais, prisões em massa, fuzilamentos sumários, expurgos, trabalhos forçados da população, tudo quanto se possa imaginar de pérfido e abominável.

Os crimes perpetrados por Joseph Stalin, tirano soviético falecido em 1953, foram denunciados de forma contundente pelo escritor Aleksandr Soljenitsyn⁽¹⁾ prêmio Nobel de Literatura em 1970, ele próprio prisioneiro, em sua monumental obra “Arquipélago Gulag” onde expõe a terrificante opressão nos campos de prisioneiros soviéticos (obra recentemente reeditada pela Ed. Carambaia, 702 pp) O volumoso texto apresenta o dia-a-dia de um zek – apelido pejorativo dado aos condenados a trabalhos forçados nos campos de concentração (gulags) espalhados pelo perverso regime soviético principalmente na região da Sibéria, a que Soljenitsyn denomina “nossa torrente punitiva, nosso sistema de esgoto”.

Nos campos de prisioneiros, juntava-se toda a sordidez e vilania de um regime abominável – detenções arbitrárias, delações, torturas inomináveis, fuzilamentos, fome, escravidão sexual. Uma simples piada contra o regime poderia gerar penas de 10 anos; uma denúncia anônima e infundada poderia levar famílias inteiras às maiores e mais brutais perseguições. O regime vigiava a tudo e a todos.

Escritor corajoso e genial, em sua obra “Arquipélago Gulag” representa até hoje a mais radical e desassomburada denúncia dos crimes praticados pelo Estado Soviético à época de Stálin⁽²⁾ A obra une literatura e história, consistindo e fundamentando-se, ademais, em farta documentação e testemunhos – relatos de prisioneiros e seus familiares, vítimas inocentes de prisões, sevícias e degredo para os gulags siberianos, em regiões as mais longínquas, gélidas e soturnas – ali obrigadas a trabalhar e a morrer sob temperaturas de 40 graus negativos⁽³⁾ Obra retumbante que gerou nova prisão do escritor, a proibição de sua publicação no País, a cassação de sua cidadania e sua expulsão da própria Pátria, aonde retornaria somente em 1994, com o colapso do Império Comunista. E que necessita ser lida para que não sejamos vítimas também de monstros como os bolchevistas russos, coreanos, chineses, cubanos ainda existentes e com vários cúmplices e ativistas em nosso País.

NOTAS

(1) Aleksandr Issaievich Soljenitsyn nasceu na aldeia de Kislovodsk, Cáucaso aos 11-12-1918 e faleceu em Moscou aos 03-08-2008. Lutou na 2ª Guerra Mundial pelo Exército Russo, obtendo a patente de capitão. Preso, pela 1ª vez, em 1945 por críticas a Stalin, o que lhe valeu confinamento e trabalhos forçados de 8 anos, cumpridos em várias campos de concentração e a seguir condenado a exílio interno perpétuo, tendo o escritor vivido parte desse período no Cazaquistão, Uzbequistão e Estônia. Nesse período de prisão, abandona o marxismo-leninismo de que era integralmente convicto, abraçando a religião cristã, experiência que ocorreria semelhantemente a outro notável escritor russo, Fyodor Dostoiévsky. Denuncia em sua obra o esmagamento da liberdade individual pelo Estado onipresente e totalitário.

Outras Obras: “Agosto de 1914” – “A Roda Vermelha” – “O primeiro círculo” (1968) – “O Pavilhão dos Cancerosos” (1968) – “Compota de Damasco e outros Contos” (2015) – “Um dia na vida de Ivan Denisovitch”

(2) Crimes do Comunismo – Segundo historiadores, o regime comunista assassinou mais de 200 milhões de pessoas, por isso considerado o “grande genocídio ou holocausto comunista”. De todas as pragas que devastaram a humanidade, de Tamerlão, Atila, Gengis Khan, da peste negra ao câncer e à aids, a mais mortal de todas é provavelmente o comunismo. Utilizou-se o macabro regime de todas as formas – as mais abjetas – para modificar a sociedade, a partir da utopia ou paraíso marxista, destruindo crenças, estruturas sociais, perseguindo intelectuais e religiosos, destruindo a propriedade privada, deixando assim um rastro pútrido de violência e sangue. As pessoas “desapareciam” sem deixar vestígios

O historiador Sthepane Courtois em seu “O Livro Negro do Comunismo – Crime, Terror e Repressão” afirma que o maior assassino da História foi Mao Tse-Tung, líder máximo do comunismo chinês, deixou um saldo de 60 a 80 milhões de vítimas; Joseph Stalin, cerca de 20 milhões podendo chegar a 60 milhões; Fidel Castro, 100 mil vítimas; Pol Pot, no Camboja, 4 milhões; Coreia do Norte, 2 milhões; Vietnã – 1 milhão; Afeganistão – 1 milhão e meio a 2 milhões. Era que passou à história como “a devastação soviética”. Regimes totalitários são hábeis em propagandas, em trapacear, passando a ideia de que (o regime) é a única solução para os problemas sociais, discurso até hoje utilizado, inclusive por líderes religiosos e que engana a muitos.

Videntes tem alertado sobre as hordas malignas que atuam no âmbito terrestre, sob lideranças de Lenine e Rosa de Luxemburgo, tumultuando governos, povos e autoridades incautos, senão aliciadas pelo mal, inclusive em nosso meio onde alguém, liberado da prisão, afirma abertamente que “tomaremos o poder por bem ou por mal”.

“Revesti-vos de toda armadura de Deus para que possais estar firmes contra as astutas ciladas do diabo. Porque não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas, sim, contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade nos lugares celestiais” (Ef 6, 11-12)

“As armas de nossa guerra não são terrenas, mas poderosas em Deus para destruir fortalezas! Destruímos vãs filosofias e a arrogância que tentam levar as pessoas para longe do conhecimento de Deus” II Co 10, 4-5).

(3) “Eu dedico este livro a todos aqueles que não vieram para contar. Que eles, por favor, me perdoem, por eu não ter visto tudo, nem lembrado tudo, por não ter adivinhado tudo aquilo” (Aleksandr Soljenitsyn – “Arquipélago Gulag”).

PENSAMENTOS E CITAÇÕES DE ALEKSANDR SOLJENITSYN

- A linha que cruza o bem do mal cruza o coração de cada ser humano. E quem pode destruir um pedaço de seu coração?
- Nosso século XX já provou ser o mais cruel dos séculos que o precederam. Nosso mundo está rasgado pelas mesmas velhas emoções da idade das cavernas, a ganância, a inveja, a falta de controle, a hostilidade recíproca que simplesmente se ocultam atrás de apelidos respeitáveis, tais como lutas de classes, lutas de massa e reivindicações salariais.
- Tão logo a falsidade seja desmascarada, a violência nua terá

que aparecer em toda sua hediondez – e a violência, derrotada, desaparecerá.

- Os arqueólogos ainda não descobriram entre as mais primárias fases da existência humana uma sequer que fosse desprovida de arte. Recebemos a arte à luz da primeira alvorada da humanidade, doada por Mãos que, pela nossa lentidão, não conseguimos vislumbrar. E fomos também lerdos demais para perguntar. Para qual propósito recebemos este presente? O que faremos com ele?

O VELHO CRISTÓVÃO E O ENCONTRO COM DEUS

Era uma vez um homem de nome Cristóvão, já de considerável idade. Desde a infância, um desejo o atormentava: poder encontrar Deus. E eis que numa tarde, Deus fez chegar a ele a seguinte mensagem: - Cristóvão, eu te espero amanhã, antes do por-do-sol do outro lado do vale, no cume da montanha!"

Ele se pôs a caminho bem cedo, apressando-se para chegar antes do encontro. A distância era significativa. Atravessou a floresta de abetos, a de bordos e, por fim, a de carvalhos. Era meio-dia quando Cristóvão chegou ao fundo do vale. Havia ali um carroceiro, suando, bufando, puxando os cavalos e a carroça, presos ao lamaçal. Ele pediu a Cristóvão: - Ei, homem, vem me ajudar! Não consigo tirar a carroça do rio...

Só seis horas mais tarde tiveram sucesso. Restava a Cristóvão não mais do que uma hora para chegar ao local de encontro. Ele se pôs a correr, a correr, subindo a duras penas a montanha. Quando, esgotado, atingiu o cume, o sol já se pusera havia dez minutos. Cristóvão cai de joelhos e chora. Desse modo, ele não veria a Deus, ao menos antes de morrer!

Triste e frustrado, ele começou a refazer o caminho. Perto do regato onde ajudara o carroceiro, uma criança o chama:

- Ei, homem, queres me por nas costas para que eu possa cruzar o rio? Sou tão pequeno, nem sei nadar! Decerto que me afogarei, se não me ajudares...

Sem dizer palavra, ele pôs nas costas o menino. No meio do vau, a criança fica cada vez mais pesada, as águas davam a sensação de se tornarem mais volumosas. Cristóvão reúne suas últimas energias. Chega, por fim, à margem e ouve o menino dizer:

- Sou Cristo, o filho do carroceiro que há pouco ajudaste...



O carroceiro! Assim, pois, Deus chegara antes ao encontro. Ele tomara o corpo de um carroceiro!

(Lenda Patrística)

O MENDIGO REAL

Mendigando de porta em porta, eu atravessava a aldeia, quando a tua carruagem de ouro apareceu ao longe, semelhante a um sonho esplêndido e me pasmei pensando quem seria esse Rei de todos os reis!

Minhas esperanças exultaram e eu pensei: acabaram-se todos os meus maus dias! E me mantive à espreita de esmolas espontâneas e de riquezas prodigalizadas por sobre o pó! A carruagem se deteve onde eu estava. Teu olhar caiu sobre mim e desceste sorrindo. Senti, que por fim, a sorte me alcançara.

Mas, eis que, de repente, tu me estendes a mão direita e

dizes: "Tens algo para me dar?" Ah! Que brincadeira real seria essa de estender a mão ao mendigo para mendigar?

Fiquei confuso, continuei perplexo; por fim, do meu alforje tirei lentamente um pequeníssimo grão de trigo e dei-o a ti. E qual não foi a minha surpresa quando, ao final do dia, ao esvaziar a bolsa, encontrei um pequeníssimo grão de ouro entre o monte de pobres grãos. Chorei então amargamente e pensei: "Ai de mim, que não fui bom o bastante para te dar tudo o que tinha..."

(Rabindranath Tagore)

LÖBISOMEM

Um dos mais difundidos mitos e credices do folclore universal. São várias as versões encontradas a respeito, em todas as culturas e povos, quanto à origem ou transformação humana em lobisomem (licantropia), que se dá geralmente à época da Quaresma: Diz-se que a mulher que tiver seguidamente sete filhos varões, o último (ou um deles) vira lobisomem; ou o filho varão que nascer depois de uma série de 7 filhas; ou ainda filho(s) oriundos de incesto (união de compadre com comadre, de padrinho com afilhada).

Sua sina é colossal. A partir dos 13 anos, entre a meia noite e as duas horas (ou mesmo até a barra do dia), sai durante as noites de 3ª e 5ª feiras, após despir-se e espojar-se em local onde os animais fazem esponjadura; transforma-se, então, num animal de alto porte, peludo, orelhas imensas, passando a correr num barulho característico, por lugares fadados, sempre na carreira, como uma flecha, por vezes perseguido por matilhas de cães que ladram lugubrememente e o perseguem até longe... Procura, nesse tempo, sangrar animais novos e na falta desses, o que encontrar pela frente.

Momentos ainda, pelos desvãos da noite, na solidão dos caminhos, no ricochetear das porteiças, encruzilhadas afora, as almas penadas gargalham, lamentam-se, fazem imprecizações, perseguem viajantes, acres eructações de ruminantes. E as sombras das árvores, tocadas pelos ventos, desenham figuras e vultos fantasmagóricos, que se elevam, afoitos, disparatados pelos ares.

Tal credice acha-se arraigada por todas as vilas, povoados, nações, em todas as épocas e povos. Escritores da Antiguidade como Plínio, o moço, Heródoto, Plauto, Ovidio, Santo Agostinho fazem referências ao mito que, segundo vários autores, teria conotações religiosas, provindo de ritos pagãos. Os sacerdotes sabinos, na Itália primitiva, vestiam-se, durante as cerimônias, com peles de lobo (divindade zoomórfica por eles cultuada); na Grécia e Roma antiga comemorava-se as luperciais, com vários colégios e a participação de nobres como seus sacerdotes-chefes, solenidades que, posteriormente, com o advento do Cristianismo, adquiriram a feição de "festa da purificação". Entre os povos indoeuropeus, havia o mito ou o fado de pessoas que, à noite, se transformavam em lobo, jumento, bode, cabrito montês etc. Na África, em inúmeras tribos e clãs, sempre houve o culto aos homens-leões, homens-hienas, homens-leopardos.

Há centenas, milhares de depoimentos, com relatos de pessoas de crédito, inclusive em nosso meio,⁽¹⁾ que se encontraram e até lutaram com lobisomens ou seres animais. Para desencanta-lo, ele terá que ser ferido, por menor que seja o ferimento, mas desde que flua sangue. Ou então terá ele que ser atingido por bala untada com cera de vela, que ardeu durante 3 missas dominicais ou de missa do galo, na meia noite de Natal.

Há versões (de origem medieval) que, quando na fase de lobisomem, ele terá que fazer carreira ou corrida, visitando 7 adros ou cemitérios, 7 vilas ou castelos, 7 partidas do mundo, 7 outeiros, 7 encruzilhadas, até o local da esponjadura inicial, onde retoma a forma humana.

Não só o estigma do incesto, mas a predestinação para se tornar lobisomem liga-se fatidicamente ao número 7 (sete), oriunda da astrologia caldaica ou acácia.



Outro mito e fenômeno mais recente é o "Chupacabras" provavelmente um animal alienígena e que periodicamente ataca rebanhos em várias partes do mundo, inclusive com dezenas de relatos no Brasil.

NOTA
(1) Ver matéria em nosso boletim nº nº LIII, fev/2012 (o relato do sr. JMC, pessoa idônea, de total credibilidade, que enfrentara, noite escura, um "tamanduá")

Em nome do Pai

POR VAN UFSJ • 11 DE JANEIRO DE 2012

Lendas e histórias de fantasmas povoam a imaginação de pessoas que moram em pequenas cidades de Minas Gerais. Esses casos vêm de uma época que nem existia luz elétrica. Mas, até hoje, eles metem medo em muita gente.

Bruno Ribeiro, Douglas Caputo, Michele Santana

O que não falta no interior de Minas Gerais são histórias de assombração e lendas que atravessam gerações. Por aqui, as crianças já nascem envolvidas com esses casos. Os pais acreditam que devem enterrar o cordão umbilical dos filhos para que ratos não o comam. Caso contrário, a pessoa pode virar ladrão.

Também vêm de pequenas cidades mineiras e de suas fazendas coloniais mitos de fantasmas que povoam a imaginação das pessoas. Não é difícil encontrar um morador que não tenha presenciado ou ouvido falar de barulhos de correntes, choro de escravos ou passos de pessoas madrugada adiante.

Um exemplo disso é a aposentada são-tiaguense Maria Caputo de Castro. Ela conta o aperto que passou com os irmãos numa noite escura na roça. “Quando eu deitei, a cama começou a gemer. Chamei uma irmã mais velha, que disse que era coisa da minha cabeça. Mas amolei tanto, que ela resolveu pegar uma lamparina para procurarmos alguma coisa debaixo das camas, mas não encontramos nada. Ai, quando a gente deitou de novo, foi um barulhão de tábuas caindo no sobrado. Tivemos tanto medo que enrolamos em cobertores e fomos pra casa de um vizinho acabar de passar a noite, pois os barulhos não iam embora. No outro dia, quando voltamos para nossa fazenda, estava tudo em ordem, inclusive as tábuas do sobrado”. Maria não sabe explicar o que aconteceu naquela noite, mas desde criança ouvia dizer que a casa era assombrada e até hoje não gosta de se lembrar daquela passagem.

Essas histórias são tão famosas no interior mineiro que em São João del-Rei foi criado, em 2007, o grupo “Lendas São-Joanenses”, com o objetivo de preservar relatos que contam um pouco da história local.

Pelo menos uma vez por mês, 14 pessoas, entre guias turísticos e atores, levam visitantes para conhecerem locais com episódios de arrepiar. São 12 encenações no total, mas segundo o organizador do grupo, o guia Jadir Janio, três delas se destacam no itinerário das apresentações noturnas pelas ruas históricas da cidade.

Um destes mitos é o que dá nome ao bairro Segredo. Janio comenta que o episódio vem da época da escravidão, quando uma sinhá resolveu se vingar do marido e de sua amante, uma escrava da família. “Ao descobrir a traição, a senhora matou a adúltera e cozinhou seu coração para que o esposo comesse. O fato foi escondido do marido e o segredo acabou nomeando a região onde o episódio teria acontecido”, explica.

Outra lenda que chama atenção dos turistas em São João del-Rei é da “Chica mal-acabada”.

Janio diz que se trata de uma mulher que ia à igreja e colocava um espelho na bíblia para paquerar um rapaz que se sentava atrás dela. “Como isso é pecado, ela passou a ver, no lugar da imagem de seu pretendido, a figura do diabo. Para parar de ter visões de Satanás, a “Chica” arrancou os próprios olhos”.

A lenda do “retrato” também faz sucesso entre as pessoas que acompanham o grupo. Trata-se de uma senhora que abordou um padre, recém chegado a São João del-Rei, e pediu que ele fosse até a sua casa para confessar o filho à beira da morte. Quando chegou ao local, o religioso viu uma foto da mulher que havia pedido o sacramento. Perguntou para os moradores da casa onde ela estava e foi informado que ela havia morrido fazia três anos.

Janio explica que essas histórias surgiram num cenário que estimulava a criação de narrativas fantásticas. Isso porque, “na escuridão da época, sem luz elétrica, o ambiente ajudava a causar o medo que alimentava a imaginação das pessoas”.

O grupo “Lendas São-Joanenses” foi inspirado pelo livro “Contam que”, escrito entre as décadas de 1930 e 1940 pelo jornalista local Lincoln de Souza.

Luz do Mundo

Também não são raras as histórias de pessoas que já tiveram algum contato com objetos voadores que emitem luzes. Apesar de o nome ser diferente em cada cidade da região dos Campos das Vertentes, em São Tiago, a 45 quilômetros de São João del-Rei, o fenômeno é popularmente conhecido como “Luz do Mundo”.

Por lá, a história é levada tão a sério, que tem até livro que trata sobre o assunto. Em 2008, a pedagoga aposentada, Ermínia Caputo, reuniu narrativas que ouviu e vivenciou ao longo dos anos. Na obra intitulada “Acaso são estes os Sítios Formosos?”, a escritora descreve cenas de aparição da Luz do Mundo.

Não existem estudos científicos sobre o fenômeno, mas no imaginário popular a explicação vem de fatos religiosos. A narrativa oral informa que a Luz do Mundo teve origem numa maldição.

Uma jovem teria sido enterrada com uma fita que simboliza a irmandade católica das Filhas de Maria, o que é proibido. Por conta disso, a alma da moça se transformou em uma luz que vaga pelo mundo. Seu descanso só viria se algum corajoso lhe retirasse a fita. E gente disposta a fazer isso tem aos bocados em São Tiago.

Em seu livro, Ermínia relata o episódio de um senhor que desafiou o medo e tentou apanhar a fita do espírito.

“No local denominado Vargem (próximo ao centro da cidade), a Luz aparecia muito, beirando o esbarrancado que há por lá. Um senhor muito simples, que vivia a puxar esterco para vender, dizia não ter medo da Luz e se propôs a tirar-lhe a fita de Filha de Maria. Um dia ela apareceu e, corajoso, ele chegou perto dela. À medida que se aproximava, ela ia se afastando, até que ele caiu no esbarrancado”. Ermínia diz que o homem não se machucou, mas também não conseguiu pegar o que queria.

Outra história de gente que enfrentou a tal Luz aconteceu numa noite de pescaria. O aposentado José Batista Santana, que garante já ter visto o fenômeno várias vezes, conta o medo que passou com um amigo.

“A gente saiu para pescar num lugar conhecido como Ribeirão da Fábrica (a oito quilômetros do centro de São Tiago). No meio do caminho, encontramos um conhecido, que disse que a gente ia encontrar a Luz. Meu companheiro zombou do moço e falou que se encontrasse a Luz, ia puxar o seu pé. Quando a gente estava perto do Ribeirão, avistamos de longe uma brasa de fogo. Ficamos um pouco receosos, sem saber o que era aquela luz, mas continuamos. A luz foi ficando mais forte e clareou as águas do rio. Ficamos com tanto medo que resolvemos voltar para a cidade”, admite.

Mas o que a dupla de pescadores não esperava é que a Luz fosse acompanhá-los até bem próximo da cidade. “Quando a gente chegou perto duma porteira, lá estava ela. Sem saber o que fazer, tiramos o chapéu em respeito e passamos no meio do clarão. Depois disso ela voltou pro mato e sumiu dentro de um esbarrancado”. Santana conta ainda que ficou arrepiado, mas garante que o amigo ficou mais apavorado ainda e que nem teve coragem para puxar o pé da assombração. Depois desse episódio, o aposentado, ressabiado, afirma que “não se deve abusar com essas coisas”.

Esse não foi o único caso de aparição da Luz para a família Santana. O aposentado lembra que sua mãe viu o espectro perto do moinho que tinha na roça em que moravam. Sozinha com os filhos pequenos, Antônia Liberata de Jesus precisava buscar o fubá para o jantar. No meio do pasto, deparou-se com o clarão. O horror foi tanto que ela voltou às pressas para a fazenda. Mas a Luz a seguiu até uma porteira. Sem saber o que fazer, Antônia começou a rezar e passou no meio daquele brilho. Assim que chegou à casa, guardou os cachorros, ordenou que os filhos ficassem quietos e continuou a rezação. Logo em seguida a Luz foi embora.

Ermínia, a escritora, também garante já ter visto a Luz várias vezes da janela de casa, principalmente no entardecer. “Ora ela andava, ora ela aumentava de tamanho, ora ela abaixava o facho. Tinha cor amarelada. Eu nunca a ouvi chiar, mas tem muita gente que diz ter ouvido barulho vindo da Luz”.

Ermínia não acredita na lenda da assombração com fita no pescoço e assegura que não sente medo. Mas, para ela o fenômeno pode ter explicação científica. “É alguma coisa natural. Pode ser um fogo-fátuo (gases de decomposição que em contato com oxigênio entram em combustão), um balãozinho. Eu acredito nisso, mesmo com tantas histórias de pessoas mais velhas e até da minha idade acreditarem no mito da Luz”, afirma.

Não se sabe ao certo de onde vem a lenda da Luz do Mundo. Hoje, poucas pessoas relatam sua aparição, apesar de quase todo mundo da cidade conhecer suas histórias.

Ermínia diz que isso é um fato importante, porque se trata do registro da história de um povo. “Era um tempo que não havia luz elétrica, televisão, computador. Massesses casos vêm da oralidade, do passar de um para outro. Eles tinham a função de alentar nas noites escuras. É um patrimônio imaterial. Assim como a gente tem os livros, as roupas, os álbuns dos antepassados, também temos que preservar esse tipo de patrimônio”, defende.

LÁGRIMAS DE MORTE

Dizem que em noites escuras, na região da Pavuna, a dois quilômetros do centro de São Tiago, o choro do espírito de uma mãe atordoada quem passa pelo local. Entre as ruínas de uma casa do início do século passado, a alma de Maria José Gabet, a Nanhá Gabet, veste preto e vaga em gemidos e lágrimas pela morte dos sete filhos e do marido, fato ocorrido dia 13 de setembro de 1916.

O espanto em torno do caso é por conta das circunstâncias das mortes. O pai da família, José Gabet, obrigou todos a tomar vermífugo. O remédio, na realidade, era estricnina, um veneno potente. Um a um, os filhos e o casal foram tombando em agonia. No entanto, Nanhá Gabet sobreviveu graças à ajuda dos vizinhos. De 1916 a 1960, ano de sua morte, a matriarca nunca deixou de vestir roupas pretas, luto eterno que guardou em respeito à família.

Mas, o que teria motivado o pai a matar os filhos, a mulher e a cometer suicídio? Segundo as histórias contadas ao longo dos anos, José Gabet era um boiadeiro que sempre viajava em comitivas de gado para o oeste de Minas Gerais. Numa dessas idas, engravidou uma filha de coronel.

“Isso aconteceu na ocasião em que o peão contraiu febre amarela e teve que ficar por mais tempo que o esperado numa fazenda que servia de pousada. Por lá, conheceu uma jovem com a qual teve um caso, e acabou tirando sua honra. O pai da moça, um homem muito rígido, prometeu vingança. Seu objetivo era matar José Gabet e sua família em São Tiago”, conta Ana Paula Lara, professora de história que fez sua monografia sobre o assunto.

Ainda de acordo com Ana Paula, a moça grávida teve pena do que poderia acontecer com boiadeiro. Mandou um mensageiro avisar José Gabet sobre risco que estava correndo.

“Sem saber o que fazer e num ato desesperado, o peão foi a São João del-Rei e comprou veneno numa botica para matar toda a família. Depois de beber com o marido e dar o tal vermífugo para os filhos, Nanhá Gabet percebeu que as crianças estavam agonizando. Ela começou a gritar e os vizinhos foram acudir. Ao verem a cena, os moradores do local deram leite para a mulher que vomitou o veneno”. Mas, para Ana Paula, “a mãe sobreviveu porque tomou veneno em cápsula, enquanto o resto da família ingeriu a estricnina em pó, que tem ação mais rápida no organismo”, afirma.

A comoção social em torno do caso gerou lendas sobre a família. A agente de saúde Kássia Campos morre de medo só de ouvir falar no nome de Nanhá Gabet. Moradora de região próxima ao local do crime, ela conta que são comuns os relatos de pessoas que já ouviram o choro triste da mãe que perdeu os sete filhos. A própria agente de saúde relata já ter escutado gemidos vindos do lugar. “Quando eu era criança, fui com minhas irmãs e primas até a Pavuna. Lá, nós escutamos vozes de outras crianças, mas não tinha ninguém”. Nessa época, Kássia ainda não conhecia a história do crime. Foi na adolescência que ela descobriu sobre as mortes e encontrou uma explicação para o barulho de crianças que ouviu no passado. “Daí eu liguei os gritos daquelas crianças com as pessoas que haviam morrido. E isso gerou o pavor que tenho só de pensar naquele lugar”. A agente de saúde diz ainda que nem de carro gosta de passar pela Pavuna.

O comerciante João Batista de Andrade, o Batista, tem uma venda próxima ao local em que aconteceram as mortes da família Gabet. E ele próprio garante já ter visto coisas estranhas por lá. Em 1973, quando sua esposa entrou em trabalho de parto, teve que ir buscar uma parteira numa rua próxima de sua casa. No meio do caminho, ao avistar a Pavuna, viu uma luz estranha no local.

“Sai de casa por volta das duas da madrugada e por acaso olhei para o caminho que levava à Pavuna. Vi uma luz na casa de Nanhá Gabet. O clarão ia e voltava, parecendo procurar algo ou alguém. Isso me fez arrepiar e ao me lembrar das mortes, fiquei mais apavorado ainda”, lembra.

Em sua venda, típica do interior de Minas Gerais, Batista ouve contar muitas dessas histórias. A que chamou mais a atenção do comerciante foi a do enterro fantasma dos Gabet. Batista se lembra do relato de um homem que teria tido uma visão de assombrar. “Seu Geraldo Campos contava que depois de jogar baralho por um longo tempo na casa de um amigo, na cidade, precisava voltar para sua casa, na roça. O caminho era pela Pavuna e, como de costume, seguiu tranquilo em seu cavalo. Ao passar pela ‘cava’ que se estendia até próximo à casa dos Gabet, viu um funeral, com oito pessoas carregando um caixão. Achou aquilo estranho, principalmente porque era tarde da noite. Parou o cavalo, tirou o chapéu, fez uma oração e depois seguiu caminho. No dia seguinte voltou à cidade e, ao questionar algumas pessoas, inclusive o coveiro, descobriu que ninguém havia sido enterrado naquela noite”, diz Batista.

Mas, a professora Ana Paula descarta essas versões sobrenaturais em torno do ocorrido. Para ela, não há justificativa para o choro póstumo de Nanhá Gabet, já que a matriarca poderia ter feito isso ao longo dos 44 anos em que viveu sem a família. “Apesar do grande choque, ela levou sua vida em frente. Trabalhou em Bom Sucesso (cidade vizinha a São Tiago) como diretora de um orfanato e, ao voltar para sua terra, dedicou-se a ajudar quem necessitava. Boa parte do seu tempo passava dentro da Igreja”, comenta.

A história marcou o então distrito de São Tiago. O enterro, com oito caixões ao mesmo tempo, era inédito na localidade. No registro de óbito da família, consta que o filho mais velho tinha doze anos e o mais novo apenas três meses de idade. Todos morreram por volta das sete horas da manhã.

Enquanto os corpos eram velados, os capangas do coronel chegaram a São Tiago para matar a família. Ao perguntarem onde os ‘Gabet’ moravam, foram informados do velório na igreja e não puderam cumprir a ordem do patrão e levar um pedaço da orelha de José Gabet como prova de sua morte. “Apesar de parecerem ter vindo de muito longe, esses jagunços eram da região de Campo Belo, distante 110 quilômetros de São Tiago”, diz Ana Paula.

ÇAÇA AO TESOURO FANTASMA

Na região rural de São Tiago conhecida como Gamelas, quem espanta os visitantes é o espírito de um padre “doido” por metais preciosos. Segundo a historiadora e professora Elena Campos, por volta de 1708, época do Brasil colônia, o religioso José Manuel era dono de escravos e extraía ouro de sua propriedade.

“O que se conta é que para presentear o rei de Portugal, o clérigo mandou fundir parte do ouro em forma de cacho de bananas. Porém, o rei, sabendo disso antes de receber o tal presente, considerou a atitude de José Manoel uma ofensa ou até mesmo um risco à Coroa, e mandou prender o padre e confiscar seus bens. Mas, antes de ser preso, o clérigo escondeu o ouro em alguma parte de suas terras, para evitar que outras pessoas sofressem como ele”, conta.

Mas, a história se espalhou e o que não faltou foi gente atrás do tesouro. O escritor Ademir Mendes é uma dessas pessoas. No livro que publicou em 2011, ele conta o mistério do ouro das Gamelas. Junto de alguns amigos, aventurou-se dentro da gruta com o objetivo de ficar rico.

“Entramos, um a um, muito receosos e prevenidos para alguma emergência. A passagem era muito estreita, permitia a entrada de uma pessoa de cada vez. Dentro do buraco o espaço era maior e nós conseguimos ficar de pé andar normalmente. A luz do dia foi ficando escassa e impediu que nós continuássemos nossa jornada. Ouvimos dizer que lanterna não funciona dentro do buraco e, do lado de fora, funciona normalmente. Não aventuramos ir muito longe no escuro, pois falavam da existência de uma fenda muito profunda, sem fim,

dentro da gruta”. O grupo de rapazes desistiu de encontrar o ouro e voltou para cidade sem se tornarem milionários.

O técnico de som, Rosauro Caputo, também se aventurou atrás do tesouro. Com 53 anos, ainda se lembra da aventura que passou quando tinha 20. Junto de uma turma, Caputo decidiu procurar o cacho de banana dourado.

“Conseguimos entrar apenas uns três metros dentro da gruta, pois a gente não tinha luz e havia muitos animais. Se foi coisa do padre ou não, tivemos que sair correndo, pois fomos atacados por um enxame de maribondos”, conta. Não por acaso nossa equipe de reportagem também foi atacada por uma nuvem de maribondos enquanto fazia uma fotografia para matéria. O técnico de som também traz na memória muitas histórias sobre o local. A mais impressionante é a de um homem de Oliveira, cidade distante 56 quilômetros de São Tiago. O tal homem se dizia guiado por um espírito e foi até a Fazenda das Gamelas tentar a sorte. “Ele furou um buraco muito grande. Durante o trabalho, teria ficado louco, fato que motivou sua família buscá-lo e levá-lo amarrado para a casa. Depois de voltar para Oliveira, a família do homem teria ficado rica”, diz Rosauro.

Segundo Elena, essa história tem um fundo de verdade, já que, de acordo com registros, as terras eram mesmo desse padre. Mas, a historiadora ressalta que é preciso cuidado, já que não existem indícios de garimpo na fazenda das Gamelas.

“Apesar de a lenda afirmar que as terras eram ricas em ouro, alguns historiadores não acreditam nessa hipótese, já que não há indícios de que houve grande movimentação de mineração na região. O fato é que a história surgiu não se sabe ao certo porque, mas até hoje mexe com o imaginário das pessoas”, afirma.

BENS IMATERIAIS

Em entrevista por e-mail, o historiador e técnico em assuntos culturais do Museu Villa-Lobos no Rio de Janeiro, Pedro Henrique Belchior, diz que as políticas de patrimônio sofreram mudanças importantes na década de 1980, com a criação da Fundação Pró-Memória, liderada pelo pernambucano Aloisio Magalhães.

Segundo Belchior, os bens intangíveis passaram a figurar como acervo fundamental da história da sociedade. “A importância desses bens, na interpretação dos intelectuais fundadores do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, consistia no fato de que seriam testemunhos incontestáveis da formação da identidade e da cultura nacional”, comenta.

A valorização de elementos vindos da cultura oral, segundo o técnico do museu, também modificou os interesses das abordagens históricas. Os grandes personagens da história cedem lugar para pessoas e fatos do cotidiano. “A perspectiva inaugurada por Aloisio Magalhães privilegia o conceito de ‘referência cultural’. O foco não mais recai sobre grandes feitos e personalidades históricas, mas sobre a importância de certas memórias, lugares e fazeres na vida das comunidades. Assim, narrativas, saberes e fazeres locais passam a ser tão valorizados quanto os tais bens patrimoniais representativos da cultura brasileira”, explica Belchior.

Isso só foi possível com uma mudança de valorização dos diferentes tipos de fontes historiográficas. Belchior sinaliza que materiais orais passaram a ter o mesmo valor que os documentos escritos. Essa nova perspectiva, segundo o historiador, permite entender como determinadas comunidades lidam com os fatos do cotidiano. “A disciplina História renovou-se profundamente ao longo do século 20, e incorporou ao estatuto de fonte outros registros e memórias”.

Mas o que garante a veracidade das histórias contadas pelas pessoas? Belchior descarta uma verdade universal. Para ele, existem diferentes olhares sobre o mundo, diferentes formas de encarar a realidade. “Eles não devem ser julgados em sua suposta ‘veracidade’, mas pelo que nos podem revelar sobre o passado, mesmo sem a intenção de fazê-lo. Aliás, a oralidade é mais interessante quando apresenta questões históricas de modo involuntário.

O que para muitos é puro misticismo, para os historiadores pode ser algo revelador sobre a sociedade que produz tais lendas”.

Belchior relata ainda que essas histórias têm grande importância para comunidades pequenas, do interior. Em cidades grandes, como no Rio, as relações sociais foram racionalizadas e os mitos perderam importância na explicação de determinados fatos. “Nas sociedades ditas ‘tradicionais’ – pequenas comunidades do interior –, a oralidade e os relatos fantásticos ocupam um espaço maior. Esses relatos são transmitidos de geração a geração, sem que os laços sociais dessas comunidades se percam. Há um caldo cultural que possibilita a continuidade dessas crenças, ainda que cada vez mais fragmentadas e reapropriadas por novos bens simbólicos, em tempos de globalização”.

Apesar das narrativas fantásticas terem perdido importância nos grandes centros, elas ainda despertam interesses de órgãos que cuidam da salvaguarda histórica. O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) é um deles. Reuniu quatro livros que trazem a guardam eventos populares como o Círio de Nazaré, o samba de roda do Recôncavo Baiano, o ofício das bairanas de acarajé e o tambor de crioula do Maranhão. Esse material está disponível no site do Iphan.

Além de cuidar de seus bens materiais, como o casarão antigo e as igrejas, pessoas de São João del-Rei e São Tiago têm se preocupado em preservar o chamado patrimônio imaterial. As lendas e as histórias de assombração fazem parte desses bens intangíveis e povoam o imaginário popular das pequenas cidades de Minas Gerais.

COMÉRCIO DO PRESTE

Em São Tiago, antes da década de 80, existiram vários pontos de comércios como vendas de gêneros alimentícios, secos e molhados, padarias, açougues etc. Tudo era muito simples e administrado pelas famílias. Trabalhavam o pai, a mãe, os irmãos, os tios. Para vender qualquer coisa não havia necessidade de anotar em cadernetas e fazer notas promissórias. Havia fiado e pouco fintado. Havia confiança por parte das pessoas. A anotação era feita numa grande folha de papel kraft. No final do mês procurava as compras e entregava ao freguês num pedaço de papel com anotação do valor a ser pago.

Existiu na Rua Joaquim Marques da Silva, na Vargem, a “Casa São José”, mais conhecida pelo comércio do Sr. Preste (José Caputo Filho). Lá era um desses lugares simples, acolhedores, com estrutura típica do século XIX: portas de madeira, balcão, balança, prateleiras, sacos com grãos, linguças penduradas, queijos, doces, banha, querosene etc. Podia comprar carne fresquinha, pois sempre tinha o abate de suínos e aves feitos na cidade ou vindos da roça.

No comércio do Sr. Preste, ele, o proprietário atendia, junto com dona Nuna e filhos e todos eram muito bem recebidos. Pessoas que vinham da roça compravam lá. Como era um ca-



minho onde todos passavam, ou melhor, era a saída para Oliveira e outros povoados, quem por ali passava fazia as compras do mês e seguia para a roça.

O tempo foi passando e outras mercadorias diferentes chegando. A criançada adorava as balas coloridas no papel transparente.

Sr. Preste, honesto, caridoso e de um caráter invejável, tinha muitas amizades. As pessoas que precisavam comprar algo, mesmo estando sem dinheiro, conversavam com ele e levavam o que precisassem. Pagavam depois ou quando podiam.

Aos poucos chegavam as cadernetas, comprava e anotava e ao final do mês acertava. O Armazém do Preste era o armazém do bairro. As pessoas nem sempre precisavam comprar,

mas passar por lá para conversar era uma satisfação. Papo bom, tranquilo, troca de ideias, causos, encontro com os amigos.

Um outro fato que marcou o imaginário das pessoas nesta época foi a égua de propriedade do Sr. Preste. Ela ficava amarrada na cerca de arame próxima ao comércio. Deveria estar disponível para a utilização dos familiares para lazer e trabalho, mas sempre estava arreada e fazendo serviços para terceiros. As pessoas tinham o costume de pegá-la sem conhecimento de seu dono para uso pessoal, por isso que se ouve contar sobre a égua do Preste.

Marcus Santiago
Membro do IHGST

CONGADO E FOLIA DE REIS

O governador do Estado de Minas Gerais promulgou no dia 13 de janeiro de 2020 a lei nº 23.556 que reconhece como sendo de relevante interesse estadual a Folia de Reis e o Congado, bem como os saberes, as celebrações, formas de expressão e os lugares a eles relacionados.

Alguns dos mais tradicionais bens culturais de nosso Estado – inclusive em nossa região – o Congado e a Folia de Reis serão beneficiados com a nova lei, que prevê a criação de instrumentos para sua proteção, por meio de inventários, tombamento, registros e outras iniciativas a serem aplicadas no âmbito dos órgãos responsáveis pela política de patrimônio cultural.

A citada – e muito pertinente – lei é de autoria do deputado Mauro Tramonte (Republicano) e tem, conforme justificativa do parlamentar, o objetivo de promover e fortalecer as formas de expressão do Congado e das Foliadas de Reis, enraizadas secularmente no cotidiano das comunidades do Estado e seu assentamento no Livro de Registros de Saberes (regulamentado pelo Decreto Federal nº 3551, que instituiu o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial, componentes do patrimônio cultural brasileiro)

Mais um marcante instrumento administrativo-legal à disposição de nossas valorosas Foliadas de Reis e Grupos (Ternos) de Congado, a quem cumprimentamos efusivamente.



THIAGO MORANDI/DIVULGAÇÃO